

ECOS

da Companhia



VIDA ESPIRITUAL, DESAFIOS, ATUALIDADE, HISTÓRIA

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

Diagramação:

SETOR DE DESIGN - PROVÍNCIA DE CURITIBA

Impressão:

ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA - CURITIBA/PR

MARÇO

ABRIL

2021

Nº2



**A audácia
da santidade
para
um novo elã
missionário**

Sumário

Vida espiritual

- 66 Carta de 25 de março de 2021
Irmã Françoise Petit, Superiora geral.
- 70 Retiro espiritual em preparação para a Renovação
“A fidelidade”
Padre Bernard Schoepfer, Diretor geral
- 79 “Fratelli Tutti”
Uma encíclica sobre a fraternidade e a amizade social
Dom Nicolas Brouwet, Bispo de Tarbes e Lourdes

Deus vê o coração (cf. 1 Sam 16, 7)

Em São José, (Deus) reconheceu um coração de pai,
capaz de dar e gerar vida
no dia a dia.

É isto mesmo que as vocações tendem a fazer:
gerar e regenerar vidas todos os dias.

O Senhor deseja moldar
corações de pais, corações de mães:
corações abertos,

capazes de grandes ímpetos,
generosos na doação,

compassivos para consolar as angústias
e firmes para fortalecer as esperanças.

Disto mesmo têm necessidade a vida consagrada,
particularmente nos dias de hoje,
nestes tempos marcados por fragilidades
e tribulações devidas também à pandemia...

Papa Francisco,
19 de março de 2021

Atualidades das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 88 Província Santa Luísa de Marillac-Ásia
A audácia da caridade no ritmo de Deus
Irmã Maria Jesusa Encio, Filha da Caridade
- 92 Província Santa Luísa - EUA
Viver cada vez mais a fraternidade
Conselho provincial
- 96 Província de Fortaleza
Viver a comunhão com Deus e com os irmãos
em nossa Casa de acolhimento “São João Gabriel Perboyre”
Irmãs da Comunidade
- 98 Província da América Central
“Chamadas e reunidas por Deus em três Comunidades implantadas em
Costa Rica”
Nossa experiência de fraternidade!
Irmã Elisabeth Chaves, Filha da Caridade
- 105 Província da Eritreia
Viver os acontecimentos felizes com os “nossos senhores e mestres”
Irmã Lettekidan Lucas, Filha da Caridade

Testemunho de um colaborador vicentino

- 107 Província de Madrid-São Vicente
“Os pobres, nossos mestres, nos evangelizam”
Daniel Roca Laguna, Assistente Social nas escolas de Madrid.

História da Companhia

- 113 Santa Elizabeth Ann Seton, uma criança cheia de esperança
Irmã Betty Ann McNeil, Filha da Caridade



Vida Espiritual

Carta de 25 de março de 2021

Queridas Irmãs,

“Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” (Lc 1, 38).

Neste dia da Anunciação, voltamos a dizer “sim”. Talvez, tenha sido um sim alegre, cheio de confiança, ou, pelo contrário, um sim hesitante, porque foi pronunciado num momento de dúvidas e dificuldades. A vida é assim, porém, com o salmista, cada uma respondeu: *“Eis que venho, Senhor, com prazer fazer vossa vontade”* (cf. Sl 39), com o que sou aqui e agora, e com o desejo de recomeçar, renovada no coração e no espírito.

Atualmente, o contexto mundial afeta-nos de modo particular, pois estamos neste mundo, e com a humanidade passamos pela provação da incerteza, da insegurança e por vezes da violência. Recentemente, nossas Irmãs em Bangui, República Centro-Africana, presenciaram a chegada dos rebeldes. No Chile, as Irmãs testemunham, impotentes, a violência e as grandes injustiças vivenciadas pelos migrantes rejeitados, no deserto do Atacama. Estes são apenas dois exemplos entre tantos outros.

A Renovação dos votos nos dá a oportunidade de reler, à luz do Evangelho, a vida do mundo e das nossas Comunidades, fortalecer nossa fé e dar um novo significado à caridade que queremos viver.

Como a Renovação pode revigorar-nos também na esperança? Como pode nos dar coragem para nos reerguermos continuamente e ajudar os outros a se erguerem de novo? Certamente, graças à convicção de que a nossa vida totalmente doada, pode ser o sinal de uma fraternidade simples, fiel e audaciosa. Este sinal pode devolver a esperança àqueles que perderam tudo e tornar visível a fé que nos mantém firmes nas inevitáveis tempestades da vida. Os fragmentos de fraternidade podem surgir para se tornarem uma “*irrupção de fraternidade*” de acordo com a expressão do Papa Francisco (*Vamos sonhar juntos*, pág. 55).

Uma fraternidade simples: a prática dos votos de castidade, pobreza, obediência e do serviço dos pobres pode cultivar um clima de fraternidade simples.

De fato, os votos ensinam-nos a conhecer-nos cada vez melhor, a reconhecer nossas limitações, nosso desejo de santidade que não conseguimos traduzir suficientemente em atos. Ao mesmo tempo, fazem-nos descobrir os nossos dons, descentralizam-nos de nós mesmas, tornam-nos mais humildes, mais simples e mais livres para viver a fraternidade e a alegria do Evangelho.

Em um clima de oração e de fraternidade simples, espontânea e sem complicação, nosso “viver juntas” converte-se em lugar de vida, ou seja, um lugar onde pequenas ressurreições podem ser vividas.

Então, as Comunidades podem transformar-se em pequenas ilhas de paz e de amor onde a simples fraternidade torna-se uma forma de ser e de fazer, um lugar de palavra e de confiança, um lugar onde é agradável ficar, um “ponto de apoio comunitário” para aqueles que sofrem com a miséria, a solidão e tantas outras formas de pobreza.

Uma fiel fraternidade: Atualmente, o conceito de durabilidade no compromisso é fortemente questionado. De maneira oposta, os nossos votos desafia-nos a ousar ser fiel, a acreditar que esta fidelidade não somente é possível, mas que ela participa do nosso crescimento humano, enraíza-nos na nossa vocação e nos torna profundamente felizes. O testemunho de uma fidelidade, vivida ao longo dos anos, de uma maneira cada vez mais serena, só pode ser um sinal da presença de Deus. Sem Ele, seria tudo isto possível?

Carta de 25 de março de 2021

Outro aspecto desta fraternidade, que quer ser fiel, é aquela que podemos oferecer aos que encontramos. Por vezes, somos invadidas pela impressão de estarmos indefesas diante de tanta pobreza acumulada, entretanto, há sempre a fidelidade a oferecer, uma fidelidade que é gratuita, inclusive com as "mãos vazias".

“Existe a gratuidade: é a capacidade de fazer algumas coisas, pelo simples fato de serem boas, sem olhar a êxitos nem esperar receber imediatamente algo em troca” (Fratelli Tutti, 139).

Uma fraternidade audaciosa: Cada voto é um compromisso pessoal, contudo, vivido em conjunto. A audácia está em acreditar que podemos ajudar-nos umas às outras a vivê-los, apoiar-nos mutuamente para ultrapassar os obstáculos e, que a fraternidade, vivida em Comunidade, é feita para ser compartilhada com todos.

Uma fraternidade audaciosa expressa-se, todos os dias, na fidelidade e na perseverança dos serviços de sempre, na saúde, na educação, na presença, na oração.

Uma fraternidade audaciosa se revela, também, todas as vezes que um elã missionário anima uma Comunidade para ousar inventar outras formas de serviço, para ir além do que acreditávamos ser possível realizar.

Os exemplos não nos faltam. Durante vários anos, a Província de Chelmno-Poznan tentou implantar-se no Uzbequistão. Todas as vezes que as Irmãs se dirigiram para este país, permaneceram curtos períodos de apenas um mês e não puderam abrir uma Comunidade por falta de vistos. Em 27 de novembro de 2020, duas Irmãs partiram novamente e, a priori, desta vez, poderão permanecer nesta região paupérrima da Ásia Central.

Em minha carta de 1º de janeiro, mencionei uma equipe móvel de quatro Irmãs em Moçambique. Elas já estão com as pessoas deslocadas que chegam da zona de guerra, no norte do país. Elas colaboram com outros, através do seu apoio, cuidado e presença fraterna.

No Brasil, na Província da Amazônia, a Comunidade de Ananindeua criou, com algumas famílias, uma cooperativa de pizza e outros pratos, que proporciona uma maior autonomia às famílias.

A fraternidade da Companhia se expressa também pela resposta aos apelos da Igreja. O Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral pediu às Filhas da Caridade para participarem de um programa de acesso à água, para os serviços de saúde geridos pelas Congregações. Dos 137 lugares escolhidos, cinco são com as Filhas da Caridade. Aliás, hoje mesmo, teremos uma reunião com o Cardial Turkson para implementar concretamente este programa.

Recentemente, Irmã Carol Keehan (Província Santa Luísa - EUA) foi solicitada, por este mesmo Dicastério, para assumir a responsabilidade de um grupo de trabalho sobre o covid, cujo objetivo é a distribuição equitativa da vacina.

Estes poucos exemplos refletem que o dom total a Deus, através dos nossos votos, libera energia, generosidade, fraternidade e criatividade. A nossa mente e o nosso coração são livres para olhar para o futuro, colocando-nos totalmente ao serviço dos nossos irmãos e irmãs.

Nem tudo é fácil e devemos reconhecer que, por vezes, existem os fracassos, os conflitos e os desânimos. Isso não é o principal! Deus não pede façanhas, pede-nos para agir, para estar presentes nos lugares de precariedade e de sofrimento, para rezar. Acreditamos que ele está conosco. *“Oh! como devemos esperar em Deus e colocar nele a nossa confiança!”* (SV XI, 456, partilha de oração de 25 de novembro de 1657).

Peçamos ao Senhor que nos ajude a viver os nossos votos com simplicidade, fidelidade e audácia, para que a fraternidade tenha a cor da esperança e do Evangelho, para compartilhá-la com os nossos irmãos e irmãs.

Na próxima semana viveremos a Semana Santa, esta memorável semana em que Maria acompanhou o seu Filho no caminho da Paixão. Ela viveu a dor de uma mãe, ela compreende a dor de todos aqueles que hoje sofrem. Ela chorou ao pé da cruz, como nós choramos diante de tanta miséria e injustiça. Com Maria, ofereçamos as nossas vidas neste caminho de serviço. Não estamos sós, Deus nos acompanha.

Com toda a minha afeição e a certeza da minha oração,

Irmã Françoise Petit
Filha da Caridade

Retiro espiritual em preparação para a Renovação

A fidelidade

Não somos capazes de grandes ou pequenas coisas por nós mesmos, mas devemos antes desejar as pequenas coisas, deixando a Deus, quando Ele achar conveniente, que nos forneça as grandes coisas. Pequenas coisas apresentam-se a nós todos os dias, a cada momento; grandes coisas raramente são oferecidas. As coisas pequenas não são menos adequadas para nos santificar do que as grandes, porque nos mantêm humildes e não permitem que o egoísmo se instale.

*Fidelidade nas pequenas coisas, a atenção para agradar a Deus, mesmo no mais pequeno detalhe, provam a delicadeza do amor. Pequenas coisas podem ser feitas com disposições tão elevadas que são mais agradáveis a Deus do que grandes coisas feitas com uma pequena disposição interior. Contemplemos o lar de Nazaré, e ficaremos convencidos disto. Finalmente, uma coisa é certa na Sagrada Escritura, aquele que negligencia e despreza as pequenas coisas também será negligente nas grandes coisas. **Aspiremos, portanto, à prática das pequenas coisas, e de tudo o que é adequado para nutrir em nós o espírito da infância e simplicidade**¹.*

***Concede-me, Senhor, a graça da fidelidade,
por teu Filho Jesus Cristo crucificado
e pela intercessão da Virgem Imaculada***².

¹ Jean-Nicolas Grou, s.j. (1731-1803), Manuel des âmes intérieures. Recueil d'opuscules inédits.

² C. 28 - primeira fórmula dos votos, pág. 66.

Introdução

Vivemos hoje numa época em que um certo número dos nossos contemporâneos duvida que a fidelidade seja possível. Num mundo relativista, podemos permanecer fiel ao longo dos anos a uma pessoa, a uma vocação, a uma causa, a uma ideia? Em vez de um compromisso firme, não vemos nos nossos dias uma preferência pelo direito de fazer escolhas subjectivas, sucessivas e diferentes? Alguns vão mesmo mais longe e suspeitam que a fidelidade é um obstáculo à liberdade. Não seria, então, como um obstáculo que acorrenta o indivíduo e o prende no seu passado? Considera-se geralmente que a verdadeira força não consiste tanto em perseverar como em adaptar-se às novas situações. Quem se assemelharia hoje ao carvalho (árvore sólida, símbolo de longevidade) ou ao bambu (símbolo de flexibilidade)? Fala-se menos da grandeza da fidelidade do que da necessidade de poder adaptar-se.

1. A fidelidade é possível porque é um dom de Deus³

Jesus conhece seus discípulos. Conhece suas fragilidades e suas limitações. Durante a Paixão, eles abandonaram o Mestre e até mesmo Pedro O negou. Mas, naquele instante, Jesus rezou ao Pai e pediu-lhe para “conservar os discípulos que lhe foram confiados, na fidelidade ao Seu nome”. Ele se dirige ao seu Pai dizendo-lhe “Pai santo, guarda-os em teu Nome”.

Este Nome, é exatamente sua santidade, seu poder de vida e de amor. Compete ao Espírito Santo de colocar, no coração dos discípulos de Jesus, a força deste amor que vem do Pai. Deus é de fato, o primeiro a ser fiel: fiel a sua promessa, a sua aliança, ao dom de seu Espírito. É o Pai que é fiel em seu desígnio de amor pelo homem.

São Paulo dirá aos Coríntios: “*É fiel o Deus que vos chamou à comunhão com o seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor*” (1Cor. 1, 9). O Filho, sendo fiel ao seu Pai, vai até o fim da sua missão, até a morte na cruz, quando selará sua fidelidade.

Aliás, no Apocalipse de São João, Jesus Cristo não é chamado “*testemunha fiel, a testemunha fiel e verdadeira*” (Ap 1,5 e 3,14)? É o Espírito

³ De acordo com a homilia do Bispo Jean Pierre Ricard, em 29 de maio de 2013.

Retiro espiritual em preparação para a Renovação

Santo que comunica aos homens a força, o fogo e o sabor desta fidelidade, a que São João chama de a verdade, e que é simplesmente o poder iluminador e vivificador do amor. O Pai não permitirá que o maligno afaste os homens desta fonte de água viva, que se apodera dos corações e mentes daqueles que guardaram a Palavra e colocaram as suas vidas nas mãos do Pai.

Jesus os tem guardado. O Pai os guardará. Além disso, Jesus, o bom pastor, não havia dito: “(minhas ovelhas) *já* *never* perecerão, e ninguém as arrebatará de minha mão. Meu Pai, que me deu tudo, é maior do que todos e ninguém pode arrebatar da mão do meu Pai” (Jo 10, 28-29).

A fidelidade do homem, em sua relação com Deus e com os outros, não está primeiramente relacionada a uma críspação heroica da vontade nem a uma decisão tomada por escolha própria. De fato, trata-se da graça de Deus em nós, fruto de seu amor. Podemos ser fiéis porque Deus é fiel e sustenta nossa própria fidelidade.

2. A fidelidade é uma obra criadora

Na Bíblia, a noção de fidelidade está ligada à solidez; ser fiel é ser sólido, portanto, digno de confiança. A palavra "amém" tem sua origem na fidelidade. Quando dizemos "amém" não significa que a oração está terminada, mas é a afirmação de que Deus é fiel, por isso, posso contar com Ele para a sua realização. No Novo Testamento a palavra é traduzida (dependendo do contexto) também como: "fé"; os "crentes" são os "fiéis"; a fé e a fidelidade, duas qualidades interligadas.

Longe de ser uma nostalgia paralisante que nos faria prisioneiros do passado, a fidelidade é uma obra criativa vivida no presente e que nos orienta para o futuro. Não está preso ao conservadorismo ou à repetição do idêntico. Mas, vivida numa atualização que cria algo novo. Esta graça que Deus nos dá, devemos recebê-la na atualidade das nossas vidas.

Temos que saborear a novidade inventando a cada dia, novas respostas aos diversos desafios que encontramos nas diferentes etapas da nossa existência. É o que chamamos na vida espiritual de a santidade no cotidiano. Isto ocorre no amor e na amizade. Com o passar dos dias, a fidelidade chama a dar-lhes expressões sempre novas. Sim, a fidelidade é criativa.

3. A fidelidade é um combate

A fidelidade não é, portanto, um longo rio tranquilo. Ela é também um combate espiritual. Às vezes, pode ser forte a tentação de deixar a fonte de água viva para ir beber em uma cisterna. A propósito de seu povo sob a pluma do profeta Jeremias, Deus disse: *“Eles me abandonaram, a mim, fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas, que não podem conter água”* (Jr 2, 13)?

Mas, se o combate, em certos momentos, encontra a origem das dificuldades em nós mesmos, em outros momentos, encontra no exterior, em uma oposição e uma perseguição que podem ser violentas. Além disso, Jesus havia prevenido os seus: *“Se o mundo vos odeia, sabe que, primeiro, me odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mais, porque não sois do mundo, o mundo, por isso, vos odeia. Lembrai-vos da palavra que vos disse: O servo não é maior que seu senhor. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão”* (João 15, 18-20).

Hoje, em todo o mundo, muitos cristãos são perseguidos por causa da fé, da fidelidade ao Cristo. Em alguns momentos, o preço a pagar por ser fiel é realmente pesado. Por isso, que na oração, Jesus pede ao Pai para conservar seus discípulos na verdade, de lhes dar essa força interior que lhes permitirá resistir. É a fé neste auxílio de Deus que faz São Paulo exclamar: *“nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra coisa poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor”* (Rm 8, 39).

Graças a esta ajuda de Deus, os discípulos de Cristo deverão repelir a tentação da retirada sectária. Não deverão nem fugir do mundo e nem o amaldiçoar. Deverão permanecer no mundo para dar testemunho de um amor que é mais forte que o mal, o ódio e o pecado dos homens. Deverão permanecer fiéis a seu posto e perseverantes. O Espírito Santo os fortalecerá nesta missão.

4. Deus é sempre fiel

“É fiel o Deus, que vos chamou à comunhão com o seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor” (1Co 1, 9). Estas palavras do apóstolo Paulo implicam olhar para trás e olhar para a frente. Ele poderia dizer de si mesmo, recordando o passado: "Aquele que me chamou à comunhão do seu

Retiro espiritual em preparação para a Renovação

Filho, Jesus Cristo, meu Senhor, é fiel. Ele poderia dizer pela fé, com toda a certeza, "Ele será fiel".

Quando olhamos para trás, podemos reconhecer com gratidão que Deus nos tem sido fiel desde o dia em que, pela graça, recebemos a salvação, até os dias atuais. Pela fé olhamos para o futuro que nos é desconhecido, e podemos olhar com plena esperança para os anos que nos esperam, até o dia em que compareceremos perante o nosso Mestre e lhe prestaremos contas do nosso serviço.

Segundo a carta de São Tiago: "*Todo dom precioso e toda dádiva perfeita vêm do alto e desce do Pai das luzes, no qual não há mudança, nem sombra de variação*" (Tg 1,17). Sejam gratos pela fidelidade de Deus. Esta gratidão é uma fonte que faz brotar em nosso coração e em nossa mente a esperança que não decepciona.

A fidelidade de Deus é como um arco-íris que se estende desde o início ao fim da vida. Tal como este arco glorioso e colorido ilumina a paisagem após uma tempestade, também a fidelidade de Deus ilumina toda a nossa existência. Como São Paulo, podemos dizer: "*Tenho plena certeza de que Aquele que começou em vós a boa obra há de levá-la à perfeição até o dia de Cristo Jesus*" (Fil 1,6).

Tanto em nós mesmos como ao nosso redor, encontramos muitas infidelidades; isto mais uma vez realça a fidelidade do nosso Deus que nos chamou para a comunhão com o seu Filho. Por isso, devemos aspirar a uma vida que seja cada vez mais verdadeira e íntima com Aquele que é fiel. Portanto, queremos pedir-Lhe do fundo do coração que a nossa vida reflita a sua fidelidade.

Acreditamos que a fidelidade é uma condição para uma verdadeira e profunda realização; e se Deus fala dela tantas vezes na Bíblia, é porque é uma dimensão essencial da vida cristã. Sem ela, o caos se instaura tanto na vida com Deus quanto na vida de um casal, da família, das nossas comunidades... ou seja, em todas as dimensões.

5. Reflexões do Papa Francisco sobre a fidelidade

a. Fidelidade e ilusões⁴

Fidelidade: nos bons e nos maus momentos. Há sempre ilusões que chamam a nossa atenção e, muitas vezes, queremos segui-las. Um trecho do Segundo Livro das Crônicas, no início do capítulo XII, muito me impressiona, assim está escrito: “Quando sua realeza estava estabelecida e consolidada, Roboão abandonou a Lei do Senhor e todo o Israel seguiu seu exemplo” (2 Cr 12, 1). Este é um dado histórico e universal.

Muitas vezes, quando nos sentimos seguros, começamos a fazer os nossos planos e, lentamente afastamo-nos do Senhor, não permanecendo fiéis. A nossa segurança está em um ídolo e não na que o Senhor me dá. Foi isto que aconteceu a Roboão e ao povo de Israel. Sentiu-se seguro - um reino consolidado - afastou-se da lei e começou a adorar os ídolos.

De fato, podemos dizer: “Pai, eu não me ajoelho perante os ídolos”. Não, talvez não te ajoelhes, mas é verdade que os procuras e que tantas vezes adoras os ídolos no teu coração. A tua própria segurança abre as portas aos ídolos.

b. A fidelidade como resposta à fidelidade de Deus⁵

A nossa fidelidade nada mais é do que uma resposta à fidelidade de Deus. Fiel à sua Palavra, fiel à sua promessa, Deus caminha com o seu povo cumprindo a promessa junto ao seu povo. Deus se manifesta continuamente como o Salvador do povo, pois é fiel à sua promessa.

Deus, é capaz de refazer novas todas as coisas, de recriar, como O fez com o coxo de nascença a quem curou endireitando os pés (cf. At 3, 6-8). Este Deus que cura, que recria, é o mesmo Deus que consola o seu povo. A sua fidelidade para conosco é esta: uma nova criação sempre melhor do que a outra.

⁴ Homilia do Papa Francisco – meditações matutinas. Terça-feira, 14 de abril de 2020.

⁵ Homilia do Papa Francisco – meditações matutinas. Quarta-feira, 15 de abril de 2020.

c. A fidelidade de Deus é paciente⁶

A fidelidade de Deus é uma fidelidade paciente. Deus tem paciência com o seu povo, escuta-o, guia-o, explica-lhe lentamente e aquece-lhe o coração, como fez com os dois discípulos que se distanciavam de Jerusalém: abraçou-lhes o coração para que voltassem para casa (cf. Lc 24, 32-33). Não sabemos o que aconteceu durante este diálogo. Sabemos apenas que o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão. A fidelidade de Deus se manifesta neste Deus generoso que procurou Pedro que o tinha negado. A fidelidade de Deus precede-nos sempre, e a nossa fidelidade é uma resposta a essa fidelidade que nos precede. Deus sempre toma a iniciativa. A flor da amendoeira, na primavera: é a primeira a florescer.

6. O dom da fidelidade e a alegria da perseverança

- Seguir o Cristo Servo no serviço dos pobres é nosso itinerário onde acolhemos o dom da fidelidade. Eu destaco aqui estas palavras da Irmã Françoise Petit, em sua carta de 2 de fevereiro:

“O serviço é para elas a expressão do seu dom total a Deus na Companhia e lhe dá seu pleno significado” (C. 16b). “Acolher a castidade para dilatar o nosso coração”; “Escolher a pobreza para melhor partilhar”; “Amar a obediência para juntas melhor servir”. Tudo está orientado para o serviço, e os votos estão impregnados do serviço. Trata-se do carisma transmitido de geração em geração.

Contemplar Jesus em suas relações nos dá a imagem do Cristo que queremos seguir: “Na escola do Filho de Deus, as Filhas da Caridade aprendem que nenhuma miséria lhes deve ser estranha” (C.11a). Cristo é aquele que nos mostra o caminho do encontro, fundamento de todo o serviço aos pobres. Sabemos dedicar tempo suficiente para encontrar, antes de agir? Meditemos todos os dias a Palavra de Deus, especialmente, as passagens onde Jesus vive o encontro: contemplemos o seu olhar, a sua benevolência, a sua ternura, e deixemo-nos moldar por eles.

- O Padre Tomaž, na sua carta para este tempo da Quaresma, nos convida a uma conversão: “deixar perturbar a nossa tranquilidade!” Compartilho agora um trecho: “O Cristo partido torna-se aos nossos olhos,

⁶ Idem.

um sinal claro que nunca deixa de perturbar a nossa tranquilidade e de nos chamar à conversão. Ele convida-nos a um diálogo contínuo no aqui e agora do mundo e das nossas relações diárias. Este Cristo partido ajuda-nos a nos apresentar perante Ele com a nossa realidade humana e com a realidade de cada ser humano. Cristo está sempre pronto a ouvir e a aconselhar. Ele continua desafiando-nos, com mansidão e infinita misericórdia...”

- Ao ler a mensagem do Papa Francisco para a Quaresma: “tempo para renovar fé, esperança e caridade”, eu me detive no aspecto da caridade, como diz São Paulo: “Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade” (1 Co 13,13). A fidelidade permite uma caridade inventiva; escutemos estas palavras do Papa Francisco:

“A caridade, vivida seguindo as pegadas de Cristo na atenção e compaixão por cada pessoa, é a mais alta expressão da nossa fé e da nossa esperança. A caridade alegra-se ao ver o outro crescer; e de igual modo sofre quando o encontra na angústia: sozinho, doente, sem abrigo, desprezado, necessitado. A caridade é o impulso do coração que nos faz sair de nós mesmos gerando o vínculo da partilha e da comunhão. “A partir do “amor social”, é possível avançar para uma civilização do amor a que todos nos podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos” (Fratelli Tutti, nº 183).

Concedei-nos, Senhor, a graça da fidelidade e dai-nos a alegria da perseverança. Recordemos este conselho de São Vicente durante uma conferência sobre a conservação da Companhia:

“... E, se nos encontrarmos na resolução de sermos fiéis a Deus, desprezando todas as honras e satisfações que poderiam apresentar-nos, devemos agradecer a Deus e dar-lhe toda a glória...”⁷

⁷ SV, conf. de 25 de maio de 1654, pág. 451.

Para concluir rezemos a Maria, mulher fiel e perseverante⁸

Maria, mulher fiel, escutastes com docilidade o Espírito de verdade que procede do Pai, por meio do teu Filho Jesus, ensinamos a conservar o dom da vocação e a redescobrir, a cada dia, a vitalidade.

Olhamos para ti, para contemplar a obra de Deus que regenera a nossa capacidade de amar e cura a nossa fidelidade ferida.

Olhamos para ti, perseverantes no seguimento, custódia vigilante e amante da Palavra, para admirar em ti a plenitude da vida de quem na fidelidade produz muito fruto.

Olhamos para ti, perseverantes aos pés da cruz para estar ao lado das infinitas cruces do mundo, onde Cristo ainda é crucificado nos pobres e nos abandonados para levar-lhes conforto e partilha.

Olhamos para ti, perseverantes com os Apóstolos na oração, para arder do amor que jamais se apaga, caminhar na alegria e afrontar os desafios e as desilusões, sem afãs.

Maria, Mulher fiel, reze por nós, obtém-nos do teu Filho e nosso Redentor uma fé viva e enamorada, uma caridade humilde e operosa, para viver o dom da fidelidade na perseverança, selo humilde e alegre da esperança. Amém.

Padre Bernard SCHOPFER, CM
Diretor geral

⁸ CIVCSVA, “O dom da fidelidade, a alegria da perseverança - Orientações. Documento da Igreja nº 60. Edições CNBB, 2020, nº 106, pág. 108-110.

“Fratelli Tutti”

Uma encíclica sobre a fraternidade e a amizade social

“Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras...” (Fratelli tutti, n° 6).

É assim que o Papa Francisco começa a sua encíclica, esta carta dirigida a todos nós e que recebemos na fé, como um encorajamento à fraternidade, a tudo o que empreendemos para criar laços sociais; mas também como um questionamento perante a tentação de ceder à cultura do individualismo e da reclusão em si mesmo.

Nestas poucas páginas não resumidas, gostaria de encorajá-las a ler este texto, destacando alguns dos temas nele abordados.

Deixemo-nos questionar pelas reflexões do Papa, embora algumas passagens nos perturbem. É a característica de uma encíclica, dirigida a toda a Igreja, e mesmo a toda a humanidade, para nos ajudar a dar um importante passo e a quebrar as linhas habituais de divisão de correntes e opiniões.

Amizade social? Quem fala sobre isto? Nem economistas, nem financeiros, nem sociólogos, nem políticos, nem jornalistas. Quem ainda está interessado na fraternidade, um conceito que, para muitos, é um sonho utópico, um bom sentimento, com uma pitada de cristianismo? Será que ainda podemos acreditar na fraternidade quando já não acreditamos no pai? Quando já não acreditamos na paternidade porque ela tem o amargo sabor do patriarcado?

Um mundo que se fecha em si mesmo

O Papa Francisco fala sobre isto. Primeiro, ele denuncia um mundo fechado em si próprio que oferece ao mesmo tempo a ilusão do contrário. A globalização é antes de tudo um mercado onde os interesses individuais são privilegiados e nos atraem como consumidores numa loja, porém, não nos torna irmãos. “...*Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência. Em contrapartida, aumentam os mercados, onde as pessoas desempenham funções de consumidores ou de espectadores...*” (FT, nº 12).

Nesta cultura de consumo, tudo parece favorecer o isolamento do indivíduo para torná-lo vulnerável: a história é desconstruída, as palavras são distorcidas, qualquer pessoa que pensa de forma diferente é ridicularizada, as redes de comunicação amplificam a agressão e a restringem às redes de pertença.

O Papa Francisco retoma assim os termos de sua carta dirigida aos jovens, em março de 2019: “*Se uma pessoa vos fizer uma proposta dizendo para ignorardes a história, não aproveitardes da experiência dos mais velhos, desprezardes todo o passado, olhando apenas para o futuro que essa pessoa vos oferece, não será uma forma fácil de vos atrair para a sua proposta a fim de fazerdes apenas o que ela diz? Aquela pessoa precisa de vós: vazios, desenraizados, desconfiados de tudo, para vos fiardes apenas nas suas promessas e vos submeterdes aos seus planos. Assim procedem as ideologias de variadas cores, que destroem (ou desconstroem) tudo o que for diferente, podendo assim reinar sem oposições...*” (FT, nº 13).

É desta forma que o laço social acaba por se dissolver. As nossas sociedades tomam rumos de atomização, de fragmentação, de incerteza generalizada: só se pode contar consigo mesmo. É assim que os mais pobres são marginalizados, especialmente as crianças ainda no ventre de suas mães, os idosos e os vulneráveis, muitas vezes também mulheres (lembremo-nos que o Papa escreve para todas as culturas). Os migrantes são excluídos da participação na vida social. O bem comum é agora entendido apenas como a soma de interesses particulares negociados pelo poder público.

Portanto, a pandemia do covid-19 nos fez tomar consciência da nossa pertença à mesma comunidade mundial. “*Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos*” (FT, nº 32). Eis porque

o Papa termina seu primeiro capítulo, com uma análise sem concessão da globalização, através deste clamor: *Caminhemos na esperança!*”.

A parábola do Bom Samaritano

De onde vem esta esperança? Da Palavra de Deus que o Papa Francisco nos apresenta, meditando a parábola do Bom Samaritano. A resposta à falta de fraternidade pode ser resumida em poucas palavras: assim que paro para me inclinar diante de alguém que é próximo, especialmente, se ele ou ela estiver ferido ou enfraquecido, transformo o mundo, envolvendo-o com o amor de Cristo; reconstruo o laço social rompido, assumo a minha parte de responsabilidade pelo bem comum, construo fraternidade.

É daqui, desta iniciativa pessoal, que tudo pode ser transformado e que uma cultura de amizade social pode ser irradiada. *“É possível começar por baixo e, caso a caso, lutar pelo mais concreto e local, até ao último ângulo da pátria e do mundo, com o mesmo cuidado que o viandante da Samaria teve por cada chaga do ferido. Procuremos os outros e ocupemo-nos da realidade que nos compete, sem temer a dor nem a impotência, porque naquela está todo o bem que Deus semeou no coração do ser humano.... Mas não o façamos sozinhos, individualmente. O samaritano procurou um estalajadeiro que pudesse cuidar daquele homem, como nós estamos chamados a convidar outros e a encontrar-nos num “nós” mais forte do que a soma de pequenas individualidades...”* (FT, nº 78).

A fraternidade é hospitalidade

É este “nós” que devemos reconstruir, que devemos zelar, que devemos salvaguardar a todo custo. É um “nós” que nos faz sair de nós mesmos em uma espécie de lei de êxtase: sair de si mesmo *“para encontrar nos outros um acrescentamento de ser”* (FT, nº 88). Aqui está a lógica de um amor sincero: ele não nos encerra na pessoa amada; pelo contrário, faz-nos olhar juntos para o lado de fora, abre-nos aos outros, pois, a hospitalidade é a marca do verdadeiro amor. A comunhão entre aqueles que se amam nunca é um círculo fechado; pelo contrário, é uma casa com portas sempre abertas.

“...Enfim, o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se. Pela sua

Fratelli Tutti

própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23, 8)” (FT, nº 95).

Amizade social? O Papa Francisco sugere que não é impossível aplicar estes princípios de amizade pessoal, aberta e hospitaleira às relações sociais, especialmente, diante do fenômeno da migração.

A atenção aos migrantes

Não nos enganemos. O Papa vê a migração da população como um projeto a ser encorajado a todo custo: “*O ideal seria, sem dúvida, tornar desnecessárias as migrações*”, escreveu o Papa (FT, Nº 129). Mas, os migrantes existem. O que devemos fazer com eles? A missão da Igreja é repetir incansavelmente o dever da hospitalidade àqueles que batem à porta. Ela própria não implementa uma política de acolhimento; esse é o seu papel apenas à margem, em situações de emergência. Porém, ela não cessa de pedir às nações ricas que não esqueçam daqueles que estão nas suas fronteiras. “*...Os nossos esforços a favor das pessoas migrantes que chegam podem resumir-se em quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar...*” (FT, nº 129).

A questão dos migrantes tem sido uma preocupação do Papa desde o início do seu pontificado. Porque são testemunhas de um mundo liberal que já não funciona e no qual os habitantes de um país se sentem inúteis em sua própria pátria e rejeitados pelas nações vizinhas. A questão da migração refere-se a todos, pois, ela nos questiona sobre o sistema confortável em que vivemos no Ocidente e que gera uma "cultura do descartável", daquelas pessoas que deixaram o seu país e que ninguém quer acolher. Por isso, o Papa sugere uma forma de governo global para a questão dos migrantes: “*Em todo o caso, há necessidade de ‘estabelecer projetos de médio e longo prazo que ultrapassem a resposta de emergência; deveriam ajudar realmente à integração dos migrantes nos países de acolhimento e, ao mesmo tempo, favorecer o desenvolvimento dos países de origem com políticas solidárias, mas sem condicionar as ajudas a estratégias e práticas ideologicamente alheias ou contrárias às culturas dos povos a que se destinam*” (FT, nº 132, trecho do discurso ao corpo diplomático acreditado junto a Santa Sé 11 de janeiro de 2016).

O Papa propõe, portanto, uma reflexão em escala mundial sobre o fenômeno da migração, a fim de encontrar soluções a curto prazo e pensar como uma só família humana.

É neste espírito que ele insiste na troca de dons que os movimentos migratórios podem constituir: *“as histórias dos migrantes são histórias também de encontro entre pessoas e entre culturas: para as comunidades e as sociedades de chegada são uma oportunidade de enriquecimento e desenvolvimento humano integral para todos”* (FT, nº 133).

Contudo, ele não sonha com uma espécie de multiculturalismo abstrato que seria imposto a todos. Acolher os migrantes pressupõe, da parte do anfitrião, um amor pela sua pátria, a sua história e a sua cultura, que ele pode transmitir àqueles que chegam, para encorajar a sua integração.

“A solução não é uma abertura que renuncie ao próprio tesouro. Tal como não há diálogo com o outro sem identidade pessoal, assim também não há abertura entre povos senão a partir do amor à terra, ao povo, aos próprios traços culturais. Não me encontro com o outro, se não possuo um substrato onde estou firme e enraizado, pois é a partir dele que posso acolher o dom do outro e oferecer-lhe algo de autêntico. Só posso acolher quem é diferente e perceber a sua contribuição original, se estiver firmemente ancorado ao meu povo com a sua cultura.... O próprio bem do mundo requer que cada um proteja e ame a sua própria terra...” (FT, nº 143).

A missão da Igreja nas questões sociais

Alguns irão criticar o Papa com uma forma de ingenuidade em relação ao acolhimento de migrantes. Mas, ele está cumprindo o seu papel quando estimula a nossa consciência para não ficar adormecida, enquanto milhares de irmãos e irmãs dormem em campos de refugiados ou procuram deixar o seu continente em barcos improvisados. O Papa não pode propor soluções concretas para cada país, pois, isto cabe aos governos locais. No entanto, ele pode chamar a atenção das autoridades políticas, econômicas e sociais para a necessidade de fraternidade a fim de lidar com os movimentos populacionais. O Papa Francisco no final da sua carta escreve que: *“por estas razões, embora a Igreja respeite a autonomia da política, não relega a sua própria missão para a esfera do privado. Pelo contrário, não pode nem deve ficar à margem na construção de um mundo melhor nem deixar de “despertar as*

Fratelli Tutti

forças espirituais” que possam fecundar toda a vida social. É verdade que os ministros da religião não devem fazer política partidária, própria dos leigos, mas mesmo eles não podem renunciar à dimensão política da existência que implica uma atenção constante ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral. A Igreja “tem um papel público que não se esgota nas suas atividades de assistência ou de educação”, mas busca a “promoção do homem e da fraternidade universal”. Não pretende disputar poderes terrenos, mas oferecer-se como “uma família entre as famílias – a Igreja é isto –, disponível (...) para testemunhar ao mundo de hoje a fé, a esperança e o amor ao Senhor, mas também àqueles que Ele ama com predileção. Uma casa com as portas abertas... A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe” (FT, nº 276)

Quais são os meios desta fraternidade, desta amizade social?

A fraternidade, a amizade social é a caridade de Cristo que vem habitar as relações sociais, as solidariedades humanas, as iniciativas populares.

Encontramos aqui um tema muito querido pelo Papa Francisco: o povo. Ele escreve “*Pertencer a um povo é fazer parte duma identidade comum, formada por vínculos sociais e culturais*” (FT, nº 158). Duas atuais correntes deturpam a dinâmica interna da população de um país: o liberalismo que isola os indivíduos, transformando-os em consumidores e o populismo que enfraquece o elã popular, para servir os interesses daquele que governa.

O conceito de povo descreve o vínculo profundo entre cidadãos do mesmo país, membros da mesma nação, da mesma sociedade. O povo evoca um vínculo entre as pessoas. Este vínculo é, antes de tudo, o de uma cultura, de uma história comum que cria uma dinâmica interna para encontrar soluções para as dificuldades sociais e econômicas.

“... É necessário pensar a participação social, política e econômica segundo modalidades tais “que incluam os movimentos populares e animem as estruturas de governo locais, nacionais e internacionais com aquela torrente de energia moral que nasce da integração dos excluídos na construção do destino comum” e, por sua vez, se incentive a que “estes movimentos, estas experiências de solidariedade que crescem de baixo, do subsolo do planeta, confluam, sejam mais coordenados, se encontrem”. Mas fazê-lo sem trair o

seu estilo característico, porque são “semeadores de mudanças, promotores de um processo para o qual convergem milhões de pequenas e grandes ações interligadas de modo criativo, como numa poesia” (FT, nº 169). É a partir destes processos, profundamente transformados pelo amor que vem de Deus, que a amizade social pode nascer. A atividade política deve promover isto no interesse do bem comum. “Com efeito, um indivíduo pode ajudar uma pessoa necessitada, mas, quando se une a outros para gerar processos sociais de fraternidade e justiça para todos, entra no “campo da caridade mais ampla, a caridade política”. Trata-se de avançar para uma ordem social e política, cuja alma seja a caridade social. Convido uma vez mais a revalorizar a política, que “é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum” (FT, nº 180).

A caridade social nasce no diálogo

Um diálogo que se constrói, primeiro, na confiança, na certeza de que todos podem contribuir para o edifício que está sendo construído. *“O diálogo social autêntico pressupõe a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, aceitando como possível que contenha convicções ou interesses legítimos. A partir da própria identidade, o outro tem algo para dar...” (FT, nº 203). Porém, trata-se também de um diálogo cujo objetivo é de conseguir juntos reconhecer os princípios comuns das leis universais (a lei natural) sobre as quais devemos nos basear para progredir.*

“... Falamos de um diálogo que precisa ser enriquecido e iluminado por razões, por argumentos racionais, por uma variedade de perspectivas, por contribuições de diversos conhecimentos e pontos de vista, e que não exclui a convicção de que é possível chegar a algumas verdades fundamentais que devem e deverão ser sempre defendidas. Aceitar que há alguns valores permanentes, embora nem sempre seja fácil reconhecê-los, confere solidez e estabilidade a uma ética social” (FT, nº 211).

A fraternidade se alimenta da verdade e do perdão

Portanto, para o Papa existem “*verdades elementares*”. Nesta encíclica a verdade é considerada a partir de dois ângulos. Em primeiro lugar, é o reconhecimento destes valores permanentes descobertos através de um diálogo respeitoso. Por vezes, pensa-se que o fruto do diálogo é

Fratelli Tutti

uma espécie de negociação entre as partes opostas para encontrar uma solução que nada tem a ver com qualquer forma de verdade. Estabelece-se um diálogo para encontrar consensos práticos longe de verdades, digamos "dogmáticas". No entanto, contrariamente, o Santo Padre acredita, que o diálogo conduz à descoberta de uma "*verdade perene que a inteligência pode captar*" (FT, nº 212). Ele escreve que existem estruturas fundamentais que sustentam o ser humano e a sociedade. É no reconhecimento destas estruturas que podemos fundamentar um diálogo social construtivo e trabalhar para o bem comum.

Na encíclica, a verdade é também um valor fundamental quando se trata de um processo de reconciliação. Deve-se "*partir da verdade*", escreve o Papa Francisco, quando se deseja trabalhar pela paz. "*...Só da verdade histórica dos fatos poderá nascer o esforço perseverante e duradouro para se compreenderem mutuamente e tentar uma nova síntese para o bem de todos...*" (FT, nº 226).

É assim que podemos nos preparar para o perdão, um perdão que não esquece a justiça, mas, que renuncia ao desejo de vingança. "*Aqueles que perdoam de verdade não esquecem, mas renunciam a deixar-se dominar pela mesma força destruidora que os lesou. Quebram o círculo vicioso, frenam o avanço das forças da destruição. Decidem não continuar a injetar na sociedade a energia da vingança que, mais cedo ou mais tarde, acaba por cair novamente sobre eles próprios. Com efeito, a vingança nunca sacia verdadeiramente a insatisfação das vítimas...*" (FT, nº 251).

A fraternidade se fundamenta na transcendência

Finalmente, não podemos ser irmãos se não reconhecermos o mesmo Pai. O esquecimento de Deus nas nossas sociedades secularizadas priva-nos de uma base sólida para assegurar a fraternidade entre os homens. A razão humana pode criar as condições para a igualdade, mas, não pode fundar a fraternidade. E quando a justiça já não tem uma base transcendente, corre o risco de servir apenas à lei do mais forte.

"...Se não existe uma verdade transcendente, na obediência à qual o homem adquire a sua plena identidade, então não há qualquer princípio seguro que garanta relações justas entre os homens. Com efeito, o seu interesse de classe, de grupo, de nação contrapõe-nos inevitavelmente uns aos outros. Se não se reconhece a verdade transcendente, triunfa a força do poder, e cada um tende a aproveitar-se ao máximo dos meios à sua disposição para impor o próprio

interesse ou opinião, sem atender aos direitos do outro. (...) A raiz do totalitarismo moderno, portanto, deve ser individuada na negação da transcendente dignidade da pessoa humana, imagem visível de Deus invisível, e, precisamente por isso, pela sua própria natureza, sujeito de direitos que ninguém pode violar: seja indivíduo, grupo, classe, nação ou Estado. Nem tampouco o pode fazer a maioria de um corpo social, lançando-se contra a minoria” (João Paulo II, Carta enc. Centesimus annus (1 de maio de 1991), nº 44 - FT, nº 273).

É por esta razão que o Papa Francisco se refere várias vezes ao *Documento sobre a Fraternidade humana para a paz mundial e a coexistência comum* de 4 de fevereiro de 2019, coassinado com o Grande Imã da Mesquita Al-Azhar no Cairo, Ahmad Al-Tayyeb. Isto não nos impede de confessar que o nosso Deus é Pai e que somos irmãos e irmãs em Jesus, seu Filho único e amado. A nossa fraternidade encontra o seu fundamento último no nosso batismo que nos dá a graça da filiação adotiva de uma forma totalmente gratuita e imérita, porque Deus Pai quer que todos sejamos irmãos (Fratelli tutti!) de acordo com a palavra de São Paulo: *“Ele nos predestinou para sermos seus filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça, com a qual ele nos agraciou no Amado”* (Ef. 1,5-6).

Esta encíclica é rica em várias reflexões, tanto nas relações pessoais como nas relações sociais e nas relações entre nações. Ela convida-nos a olhar para a humanidade como uma família. Precisamos desta mensagem de esperança. Não somente para ouvi-la, mas sobretudo, para colocá-la em prática.

O Papa Francisco nos diz:

“Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade.... Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos” (FT, nº 8).

A

Província Santa Luísa de Marillac-Ásia

A audácia da caridade no ritmo de Deus

Atualidades
da
Província

*“Centradas no Cristo, por intercessão
de nossa Santa Mãe e dos nossos Santos Fundadores,
peçamos ao Senhor que derrame sobre nós as graças
que precisamos para que
a audácia da Caridade para um novo elã missionário
se torne uma realidade viva”
(Irmã Kathleen Appler, Doc. Interassembleias 2015-2021).*

A realidade política no Laos impõe limites à evangelização e às obras apostólicas de sacerdotes e religiosos, especialmente de missionários estrangeiros. Desde o início da implantação em 1999, as Filhas da Caridade têm servido exclusivamente os membros da Igreja Católica Romana e apenas em aldeias católicas, a fim de evitar de serem acusadas de proselitismo, motivo de prisão ou deportação.

No entanto, atentas aos apelos e aos desafios do Documento Interassembleias (2015-2021), ao chamado do Papa Francisco para “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (*Evangelii Gaudium*, nº 20) e, após ter

confiado a pastoral da juventude à Diocese do Vietnã em maio de 2017, as Filhas da Caridade puderam responder melhor às necessidades dos indígenas que vivem na pobreza e, dos jovens mais vulneráveis que vivem na periferia em risco de tráfico de seres humanos, migração ilegal, condições de trabalho injustas, prostituição e outras formas modernas de escravidão.

Os caminhos de Deus são insondáveis: a descoberta da aldeia de Namhone

Na pequena aldeia de Namhone, distrito de Meun da Província do Vietnã, coexistem dois grupos étnicos: os Hmong, que são a maioria, e os Khamu, que migraram do norte do país para escapar das rebeliões. O grupo étnico Hmong, animista, pratica fielmente a sua cultura e tradições. Trata-se de pequenos agricultores que respeitam muito a natureza e que se instalam em terras altas, por isso, o acesso a aldeia de Namhone é perigoso: as estradas são difíceis, pedregosas e a distância é longa. Portanto, não existem serviços de educação ou de saúde, nem serviços sociais.

Os únicos católicos na aldeia são duas jovens: Chong Thaoyonglee e a sua irmã mais nova. Chong começou a participar do grupo de jovens de Hmong durante o seu segundo ano de licenciatura em Desenvolvimento Comunitário na Universidade Nacional do Laos. A Pastoral da Juventude Católica ofereceu apoio financeiro para que Chong pudesse terminar os seus estudos. Ao se tornar líder do grupo, ela apresentou outros jovens da sua Aldeia de Hmong que também estavam à procura de bolsas de estudos. Entre estes jovens encontra-se Meenu Thao, que também estudava Literatura Inglesa na Universidade Nacional do Laos. Quando Chong foi enviada às Filipinas, durante 19 meses, para uma formação na pastoral juvenil, foi Meenu que se tornou a pessoa responsável pelos estudantes da Hmong.

As Irmãs descobriram nos jovens de Hmong um profundo desejo de estudar, de obter um diploma para melhorar as suas vidas, esta descoberta as motivou a visitar igualmente o vilarejo de Namhone. Em fevereiro de 2018, graças ao acompanhamento da jovem Meenu que nos guiou e garantiu a nossa segurança, foi possível conhecer os habitantes desta aldeia.

Um dia, às 6h30, partimos para Mekong (um longo e largo rio que separa o Laos da Tailândia) e depois percorremos algumas estradas de terra, bastante

Testemunho das Irmãs

esburacadas. Por volta do meio-dia, chegamos a esta pequena aldeia com habitações precárias, onde havia pessoas idosas, com roupas tradicionais, que caminhavam sob o sol escaldante com crianças vestidas de uniforme escolar. Os pais das jovens Chong e Meenu acolheram-nos calorosamente. Depois do cansaço da longa viagem, o seu sorriso tranquilizou-nos porque sabíamos que poucos estrangeiros vinham à aldeia e tínhamos medo que a nossa visita não agradasse aos seus chefes. Depois de nos apresentarmos como amigas das jovens Chong e Meenu, explicamos o motivo da nossa visita. A tradução Laotian-Hmong facilitou o intercâmbio.

Fomos convidadas a comer peixe grelhado, arroz tailandês, carne de porco seca e sopa. A mãe da jovem Meenu acompanhou-nos para que pudessemos encontrar outras famílias. Desta forma, obtivemos uma visão geral da aldeia e nos informamos sobre oito estudantes do ensino médio aos quais ajudaríamos.

A alegria de visitar estas pessoas isoladas foi maior do que a ansiedade de ir a esta aldeia abandonada e depois regressar à Vientiane, capital do Laos.

São Vicente poderia nos dizer: "*Se vós não ajudardes este povo, quem os ajudará?*" isto nos motivou a refletir sobre a experiência, a discernir a vontade de Deus e a decidir acolher e acompanhar estes jovens estudantes para realizar o sonho de uma vida melhor e obter estabilidade financeira para as suas famílias. Continuemos a confiar na Providência para perseverar na resposta às periferias.

Rapidamente, os oito estudantes foram ajudados. Uma delas, Houng Thao, teve sérios problemas de visão. Graças à intervenção de um membro da Sociedade de São Vicente de Paulo, ela pôde ter uma consulta com especialistas em Vientiana que diagnosticaram a causa das suas dores de cabeça permanentes e da sua visão deficiente, como hidrocefalia benigna. Esta questão requer uma intervenção cirúrgica muito delicada que infelizmente não garante uma cura completa. Um médico de Hmong explicou à mãe de Houng Thao as vantagens e desvantagens desta cirurgia. No final, ela decidiu que a filha não iria fazer a operação.

Houng Thao tem 16 anos e está no primeiro ano do ensino médio. Há dez anos ela e a sua irmã mais nova foram abandonadas pelo pai. A mãe cuida das duas filhas, mas ela própria está com a saúde muito fragilizada. A irmã mais nova é deficiente mental, mas tem a oportunidade de estudar num

centro para deficientes. A mãe de Houng Thao não tinha certeza se ela podia continuar os estudos e estava relutante em dar o seu consentimento.

Entretanto, a jovem Chong completou a sua formação como Agente Pastoral de Jovens nas Filipinas e agora, trabalha para facilitar o encaminhamento para serviços especializados e a supervisão de projetos financeiros a fim de ajudar os estudantes e as suas famílias.

Em 15 de março de 2020, devido as chuvas e às restrições governamentais, foi a quinta vez que regressamos à aldeia de Namhone. As bolsas de estudos são oferecidas pela Fundação "*Enfants du Mékong*" (Filhos do Mekong) e por doadores particulares. Atualmente, acompanhamos cinquenta e dois estudantes do ensino médio e universitário, quinze dos quais vêm da aldeia de Namhone. Algumas famílias também recebem ajuda para iniciar uma atividade que lhes permita ganhar o seu sustento.

Ficamos felizes em ver os jovens sendo capazes de continuar os seus estudos e receber uma formação que os ajude a desenvolver os seus dons e a obter as competências necessárias para enfrentar os desafios da vida e serem instrumentos de amor para os outros.

Que a Providência de Deus continue a agir através dos diferentes atores para que os jovens necessitados possam realizar o projeto que Deus tem para eles.

“Submetamo-nos à Providência, ela fará nossos negócios a seu tempo e ao modo dela” (SV III, 546 - Carta 1109 a René Alméras, superior, em Roma).

Irmã Maria Jesusa ENCIO
Filha da Caridade

Província Santa Luísa - EUA

Viver cada vez mais a fraternidade

Durante o ano passado, a pandemia do covid ensinou-nos muito sobre a paciência, a flexibilidade e a arte da adaptação. Aprendemos a fazer mais com o menos, a valorizar os nossos coirmãos e colaboradores, a ser mais criativas, e a ousar entrar em novas experiências que nunca teríamos imaginado. Foi isto que vivemos na Província de Santa Luísa - EUA.

A primeira grande adaptação a ser feita foi a respeito da nossa Assembleia provincial. Perante a incerteza quanto à duração da pandemia, decidimos realizar este encontro virtualmente. A Comissão preparatória teve que alterar a sua forma de agir para adaptar o que inicialmente estava previsto, ou seja, um encontro presencial de quatro dias, e programar duas reuniões virtuais, cada uma com a duração de quatro dias, com tempos de partilhas em grupos e em sessões plenárias sobre o conteúdo da Síntese; momentos de discernimento sobre as orientações gerais da Província para os próximos seis anos e a votação das Proposições e Postulados.

Durante a primeira parte da Assembleia provincial, em julho de 2020, a plataforma Zoom permitiu que cerca de duzentas Irmãs se encontrassem, rezassem e dialogassem sobre os quatro desafios: os direitos humanos e o desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade, a salvaguarda da "casa comum", a mística do “viver juntas” e a transmissão da fé e dos valores cristãos às novas gerações. Tivemos algumas preocupações sobre o método, mas é evidente que, graças à reflexão de cada Comunidade local nas Assembleias domésticas e à preparação em oração da Assembleia provincial (e graças ao Espírito Santo!), tudo transcorreu muito bem. Foi uma experiência de graça para todas.

Foi bonito ver em cada comunidade as Irmãs que tinham maiores habilidades tecnológicas ajudarem, com generosidade, paciência e afeto, as Irmãs menos aptas. No decorrer da segunda parte da Assembleia, em março de 2021, sobre assuntos provinciais, as Irmãs ajudaram-se mutuamente com a tecnologia para que o verdadeiro trabalho da Assembleia pudesse ser feito. Durante a Missa, no final do dia percebemos que a Assembleia provincial, no modo virtual, tinha ajudado a fortalecer as comunidades de forma inesperada.

Ao longo deste último ano, aprofundamos e vivemos a mística do “viver juntas” de muitas maneiras, mas a que mais se destacou foi a preocupação pelas nossas Irmãs idosas.

A Província tem quatro grandes casas de repouso para as Irmãs idosas, espalhadas por toda a Província e pelo país. Durante esta pandemia, como em qualquer outra parte do mundo, temos estado preocupados com os cuidados e a segurança das nossas Irmãs idosas. Apesar da observância das medidas sanitárias, o coronavírus afetou as nossas Irmãs e os funcionários das quatro casas de repouso. Em dezembro de 2020, a situação agravou-se na Cidade de Albany, no estado de Nova Iorque. Várias Irmãs testaram positivo e foram confinadas, apesar de algumas delas precisarem de muitos cuidados médicos e ajuda com a higiene pessoal diária, etc. Vários funcionários não puderam trabalhar devido a contaminação ou de um contato com o covid. Outros pediram licença para cuidar de parentes vulneráveis. Os demais funcionários, Irmãs e leigos, ficaram sobrecarregados de trabalho.

Todas as Irmãs idosas estavam confinadas em seus quartos para evitar a disseminação do vírus, o que as impedia de realizar as suas atividades habituais: ir ao refeitório, lavar a roupa, etc. Foi preciso levar-lhes as refeições três vezes por dia, com poucos funcionários e menos Irmãs saudáveis. Toda a região conheceu uma onda de casos de covid, o que muito dificultou encontrar quem nos ajudasse a cuidar das nossas Irmãs. As Irmãs da Comunidade mais próxima estavam sob quarentena devido à presença de vários casos positivos. A quantidade de pessoas disponíveis diminuía drasticamente.

Lançamos um apelo às Irmãs da Província para ajudar-nos durante quatro ou seis semanas na Casa de Repouso de Albany. Entre as primeiras Irmãs voluntárias encontravam-se duas Conselheiras provinciais que vieram

Testemunho das Irmãs

da Casa Provincial de Saint-Louis e chegaram em Albany depois de terem percorrido mais de 1.600 km. Agregaram-se a elas, sete Irmãs que estavam em missão em diferentes lugares da Província. Algumas eram enfermeiras ou profissionais da saúde, mas a maioria não tinha qualquer formação nesta área. Cada uma ajudou de maneira diferente: distribuindo as refeições, lavando roupa, fazendo faxina, administrando testes semanais de covid nas Irmãs e nos funcionários, cuidando da higiene pessoal das Irmãs e trazendo-lhes alegria. Com esta presença amistosa e tranquilizadora, as Irmãs idosas puderam ver novos rostos (embora de máscaras, mas com os olhos ainda visíveis), apesar dos dias aparentemente intermináveis de isolamento.

Era um serviço exigente com longas horas para assegurar os turnos de 24 horas, mas o ambiente era muito bom! As nossas Irmãs idosas ficaram encantadas com estas Irmãs que deixaram tudo, especialmente durante o Natal e o Ano Novo, para ajudá-las. Além das Irmãs que vieram auxiliar em Albany, todas as demais estavam preocupadas com esta situação. As coirmãs que permaneceram nas Comunidades, tinham adiado ou antecipado a ceia de Natal para que todas pudessem participar. Graças às maravilhas da tecnologia - celulares e Zoom - as Irmãs voluntárias permaneceram unidas às suas Comunidades entre o período de trabalho e de repouso. Todas as Irmãs, quer servindo em Albany, quer nos seus locais habituais de missão, rezaram pelas Irmãs doentes, pelos funcionários e depois que foram embora, tentaram permanecer em contato. A Comunidade é uma realidade, mesmo quando a distância nos separa, e somos ainda mais gratas quando nos encontramos.

Em 6 de janeiro de 2021, os "funcionários itinerantes" da Casa de Repouso de Albany organizaram uma "visita dos Três Reis Magos", com presentes e com uma fantasia pouco comum, mas bem-adaptada a esta pandemia: máscaras, luvas e viseiras com barbas! As Irmãs Idosas ainda falam sobre esta visita sem precedentes, que lhes deu alegria e coragem.

A boa vontade das Irmãs que vieram para Albany fala muito da disponibilidade e da pertença à Companhia. Esta é a mística do viver juntas em ação! Muitas das Irmãs voluntárias, vindas de outra Província antes de pertencerem à nossa atual Província reconfigurada, não conheciam as Irmãs idosas, mas agora os laços foram estabelecidos para sempre.

Em toda a Província, as Irmãs também se adaptaram às necessidades das pessoas às quais elas servem. Elas confeccionaram máscaras, aprenderam a tirar proveito da tecnologia para manterem contato com as pessoas que estão isoladas, explicaram os cuidados básicos necessários de proteção, ao mesmo tempo que continuaram a estender a mão a quem precisava. Esperamos nunca mais experimentar outra pandemia; no entanto, aprendemos muito com esta experiência sobre a mística “do viver juntas” em Comunidade.

Conselho provincial
Província Santa Luísa - EUA

Província de Fortaleza

Viver a comunhão com Deus e com os irmãos na nossa Casa de Acolhimento “São João Gabriel Perboyre”

A comunhão fraterna requer de cada pessoa compromisso, maturidade e corresponsabilidade. Assumindo nosso crescimento em todos os aspectos, contribuímos também com o crescimento do outro, mesmo que de forma indireta. Reconhecendo nossas limitações e nos permitindo ser ajudadas, despertamos no outro, também, o desejo de crescimento, e assim podemos fortalecer nossa comunhão fraterna. Que essa compreensão não apague em nós a aceitação daquele que pensa diferente e sim, termos a capacidade de sermos flexíveis, tolerantes e sábios diante do grande mistério que somos.

É com essa compreensão que nossa Comunidade se esforça para testemunhar a nossa fraternidade evangélica, cuja fonte é a Eucaristia (cf. C.19b). “*Nossas relações, centradas em Jesus Cristo, nos permitem ser testemunhas credíveis da misericórdia e da ternura de Deus*” (Documento Interassembleias 2015-2021, pág. 10). Cada Irmã doa e recebe, compartilhando o que tem de melhor a serviço de todas e de todos. Para favorecer uma vida espiritual mais fecunda, cada Irmã assume um dia as Orações e, mensalmente o Retiro, dando maior ênfase aos meses temáticos, pois como nos diz o Papa Francisco: “*A Oração é a água indispensável que alimenta a esperança e faz crescer a confiança*” (Homilia de 29 de junho de 2017).

Em nossa Capela Nossa Senhora das Graças, celebramos a Eucaristia diariamente com a participação de leigos da nossa Paróquia. Este vínculo espiritual nos une ainda mais uns aos outros. Com eles, celebramos festas litúrgicas e vicentinas: Santa Luísa de Marillac, São Vicente de Paulo, Medalha Milagrosa, Santa Catarina Labouré, Páscoa, Natal e Ano Novo. Os leigos já se consideram Família Vicentina e sempre estão dispostos e solidários a participar das Campanhas que realizamos em prol dos Pobres e da nossa Casa de Acolhimento “São João Gabriel Perboyre”. No início da Quaresma, lançamos uma campanha de alimentos não perecíveis para compartilhar com as famílias mais carentes do nosso bairro.

A Casa de Acolhimento “São João Gabriel Perboyre” acolhe as pessoas doentes com seus respectivos acompanhantes, pré e pós-transplantados hepáticos, renais e de medula, pacientes em tratamento de câncer ou outras deficiências: auditiva, visual e motora. Com os funcionários, os vigilantes e uma família migrante da Venezuela que adotamos, vivemos também momentos fortes e festivos, tais como: comemoração de aniversários e festas religiosas. Nosso Papa Francisco, em sua homilia, de 07 de julho de 2015, nos exortou a colocar *“a Igreja em estado de missão e pede-nos para recriarmos a comunhão, pois já não se trata de uma ação voltada só para fora”*.

As diferentes obras nas quais servimos são lugares onde tentamos semear a bondade: a Casa de Acolhimento “São João Gabriel Perboyre”, mas também a Escola Profissionalizante “Jesus Operário”, em parceria com a AIC, oferecem cursos profissionalizantes aos moradores do bairro; a Pastoral do Migrante dá total assistência a uma família venezuelana que morava numa de nossas Casas em Tabapuazinho, Caucaia-Ceará, através de visitas domiciliares, ajuda financeira, acompanhamento a médicos, exames, tratamentos de saúde em clínicas ou hospitais.

É neste contexto que procuramos servir os nossos irmãos mais vulneráveis e carentes com muito amor, respeito e dedicação, vendo em cada um a pessoa de Jesus Cristo.

As Irmãs da Comunidade

Província da América Central

“Chamadas e reunidas por Deus em três Comunidades implantadas em Costa Rica”

Nossa experiência de fraternidade

“A fraternidade é um dom e compromisso que vem de Deus Pai”⁹. Deus chama sempre. Ele nos dá a vida e, com o batismo, nos convida a viver no Cristo, como Igreja, e nos faz todos irmãos. O valor fundamental da nossa vida, é o amor: amor pelo Salvador, amor mútuo e preocupação pelos pobres, o que nos permite servi-los e amá-los como irmãos. “Para nós, este manancial de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo”¹⁰.

Em Costa Rica, somos onze Filhas da Caridade divididas em três Comunidades locais bem distante uma da outra: a primeira se encontra em Bambu, perto de Bratsi, no sudeste do país, na qual, as Irmãs trabalham em um Lar para idosos em Talamanca; a segunda Comunidade é implantada na zona rural de Guapiles e a terceira a Alajualita, que é uma periferia da capital de São José. Das onze Irmãs, duas delas são de Salvador, duas do Panamá e sete da Costa Rica. Através do serviço aos pobres, nós nos sentimos como *“um só coração e uma só alma”* que bate no ritmo do amor de Deus. Nós nos esforçamos constantemente para viver a cultura do encontro, no seio da Comunidade e com aqueles, que, como povo de Deus, nutrem a nossa fidelidade, porque o seu estilo de vida simples e sincero questiona sempre a nossa identidade de servas.

⁹ Papa Francisco, conferência de imprensa, 31 de julho de 2013

¹⁰ Fratelli Tutti, nº 277

*“Como é importante sonhar juntos! ... cada qual com a própria voz, mas todos irmãos”*¹¹. A diversidade cultural que define nossas comunidades e nossas vidas em comum, ao invés de ser um obstáculo à fraternidade, é fonte de experiências, de aprendizagens e de exigências para construir laços de comunhão, fixando sempre o nosso olhar em Cristo, que nos chamou para estabelecer a sua morada entre nós.

A cada ano, graças à comissão de formação da Província, todas as Irmãs podem se beneficiar de encontros fraternos para aprofundar um assunto ou outro. *“O amor social é uma força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje”*¹².

Porém, com esta pandemia do covid-19 e, em razão dos alertas de urgência nacional, decretados pelo Ministério da Saúde Pública tornou-se difícil continuar estas reuniões. Com o passar dos meses, o conhecimento do impacto do vírus obrigou-nos a buscar novas estratégias e formas para continuar num ritmo de vida próximo do normal, respeitando, ao mesmo tempo, as medidas sanitárias em vigor. Nós somos conscientes de que *“precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e, dentro da qual, nos ajudemos mutuamente a olhar em frente”*¹³.

Diante da ignorância deste novo vírus patogênico, medidas preventivas foram tomadas no país a fim de evitar qualquer contaminação: proibição de reuniões, fechamento de locais de culto, etc. Os Padres celebram a Eucaristia sem fiéis. De repente, esta realidade nos tornou mais conscientes da importância da nossa vida de fé. Felizmente, foi possível participar de Missas televisivas ou online. Desde então, as restrições tornaram-se um pouco menos severas, embora permaneçam para o bem do povo. *“O caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renovação é a proximidade, a cultura do encontro”*¹⁴.

Nas nossas três comunidades, constituídas por Irmãs de diferentes idades e países, enviadas em missão para vários serviços, esforçamo-nos para *“fortalecer o sentido do “viver juntas” e da responsabilidade de cada uma nesta construção comum”*¹⁵, aceitando-nos mutuamente com as

¹¹ Ibid. nº 8

¹² Ibid. nº 183

¹³ Ibid. nº 8

¹⁴ Ibid. Nº 30

¹⁵ Doc. Interassembleias 2015-2021, pág. 22

Testemunho das Irmãs

nossas diferenças. Segundo o Papa Francisco: uma comunidade pode ser reconstruída “*a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros*”¹⁶.

No início de março de 2020, tínhamos planejado reunir as três comunidades, na véspera da Anunciação, para vivenciarmos juntas um dia de retiro e reler o nosso compromisso como Filhas da Caridade, a fim de nos prepararmos para a renovação dos votos. Tudo estava programado, porém, neste período, a pandemia tornou-se ainda mais preocupante. Diante da incerteza da situação e do medo de contaminação das Irmãs idosas, desistimos deste projeto e cada comunidade organizou-se no seu lugar de missão.

Felizmente, cada comunidade encontrou um Padre disponível para celebrar a Eucaristia no dia em que renovamos o nosso dom total a Deus, para O servir na pessoa dos pobres: “Sim, Senhor, podes contar connosco, como nós contamos convosco”. Neste dia soubemos que as Irmãs de vários países europeus foram afetadas pelo coronavírus.

Cada vez mais sentimos falta dos nossos encontros fraternos. Graças aos meios de tecnologia modernos “telefone e internet”, foi possível estabelecer uma comunicação entre nós. Ficamos muito felizes com a possibilidade de compartilhar as nossas alegrias e dificuldades.

Embora as relações interpessoais tenham mudado, na medida do possível, fomos capazes de dar continuidade à vida cotidiana e ao nosso serviço. “*A Igreja está sempre a caminho, em busca de novas veredas para o anúncio do Evangelho*”¹⁷. “Atualmente, é necessário celebrar a distância, porém, “*para sair do túnel e não permanecer nele*”¹⁸.

Em abril de 2020, a proposta de um retiro online para as Irmãs idosas foi sugerida pela Província. Este foi um teste para a continuação das nossas comunicações de forma virtual. As condições do retiro foram ideais. Foi possível ver e ouvir através do computador o nosso Diretor provincial que além de pregar o retiro enviou-nos o texto das suas intervenções para facilitar as nossas reflexões. É claro que o autor principal é o Senhor: “*eis que vou conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração*” (Os 2, 16). As Irmãs mais novas

¹⁶ Ibid. nº 67

¹⁷ Papa Francisco, discurso aos participantes da Assembleia plenária do Conselho Pontífice para os leigos, 7 de dezembro de 2013

¹⁸ Entrevista com a revista espanhola: “La Vida Nueva”

puseram os seus talentos a serviço das mais idosas e, desta forma, cada uma pôde fazer o seu retiro anual com serenidade. É bonito viver a fraternidade através da partilha: *“Ousemos: contemplar juntas, o Cristo no Evangelho para construir; dia após dia, uma Comunidade de fé”* (Doc. Interassembleias, 2015-2021, pág. 10). Todos os outros retiros anuais foram realizados desta maneira, cada uma se inscrevia em função dos seus compromissos.

A Assembleia provincial pode acontecer também de forma virtual. Graças a estas novas tecnologias, todas as Irmãs dos países da América Central, que foram convocadas à Assembleia provincial, puderam encontrar-se através do monitor do computador para dialogar, refletir e estudar com responsabilidade os temas escolhidos, tudo num clima de alegria. Foi uma oportunidade maravilhosa para reforçar os laços de amizade fraterna.

“Irrompeu de forma inesperada a pandemia do covid-19 que deixou a descoberto as nossas falsas seguranças”¹⁹.

Em Costa Rica, o primeiro caso de covid-19 foi confirmado no dia 6 de março de 2020. A partir deste momento, o Lar de Idosos “Santa Luísa” como todos os outros estabelecimentos de saúde, em Talamanca receberam recomendações firmes quanto às medidas de segurança que deveríamos tomar: assegurar uma vigilância constante, aplicar rigorosamente os protocolos de prevenção sanitária. É neste Lar, administrado diretamente pelo Ministério da Saúde, que as Irmãs de Bambu trabalham. Com estas medidas sanitárias, as Irmãs e os funcionários tiveram que mudar a forma de como se relacionar com os idosos: adaptando-se ao uso de máscaras e de vestimentas especiais, respeitando a distância física para impedir a propagação do vírus e proteger os outros. Tudo isso são fatores que causaram insegurança psicológica nos idosos.

No dia 12 de outubro de 2020, apareceu o primeiro caso de contaminação no Lar “Santa Luísa”. O anúncio desse fato foi muito preocupante para todos: três pessoas idosas morreram pouco depois. O pessoal de enfermagem estava sobrecarregado de trabalho e em condições de estresse intenso: “os pobres são nosso peso e nossa dor”. Na oração, o Senhor deu a cada Irmã, energia, força e o amor necessários para servir generosamente. *“Sejais pacientes, às vezes é preciso passar pelo pior, para obter o melhor, mas confiando sempre*

¹⁹ Fratelli Tutti n° 7

Testemunho das Irmãs

em Deus”²⁰. Além disso, o apoio do Ministério da Saúde e dos representantes do Fundo de Segurança Social, assim como o apoio das famílias (donativos, ajuda, oração) permitiram-nos superar estes momentos difíceis.

As Irmãs de duas comunidades do país e os membros da Família Vicentina ajudaram tanto espiritual, como financeiramente as Irmãs de Bambu.

“A fraternidade significa viver juntos e em paz, ajudar e amar uns aos outros”²¹.

Neste período particular, enquanto continuávamos a tomar mil e uma precauções, tentamos colocar mais intensidade e interioridade nas pequenas coisas da vida quotidiana: nos nossos encontros tanto nas ruas, como nas lojas; nos encorajar mutuamente para respeitar os gestos de barreiras e sobretudo, permanecer o mais próximo possível dos pobres: visitas à Nuestra Señora de los Angeles, aos familiares das Irmãs, aos idosos ou doentes...

As datas dos aniversários e eventos relativos à Família Vicentina permitiram-nos ter encontros e celebrações fraternas com os nossos colaboradores, benfeitores e os Lazaristas que nos acompanham...

“Virgem e Mãe, Maria... Estrela da nova evangelização ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão, do serviço, da fé ardente e generosa...”²²

Neste ano de pandemia, interrogamo-nos como viver a novena em preparação para as aparições de 27 de novembro e honrar, a missão que a Santíssima Virgem Maria, nos confiou: fazer conhecer e distribuir a Medalha como um meio concreto de recordar o seu amor, pois *“todos aqueles que a trouxerem, com devoção e confiança, receberão abundantes graças.”* Felizmente, as Igrejas foram reabertas, embora as instruções para respeitar as distâncias necessárias continuassem severas, o número de fiéis era proporcional ao tamanho da Igreja e à sua capacidade de acolhimento. Para nós, que tínhamos habitualmente a Missa em nossa casa com os paroquianos, a situação mudou visto as dimensões da casa que não permitiam respeitar as

²⁰ Cf. Papa Francisco Twitter

²¹ Cf. Papa Francisco, reflexões

²² Papa Francisco, oração a Maria, Evangelii Gaudium n° 288

regras sanitárias. Portanto, apesar destas limitações podemos afirmar que, em nosso país, o ano de 2020, foi o mais intenso para a difusão da Medalha e para viver com fervor a novena preparatória e a festa de Nossa Senhora das Graças. Todas as ações empreendidas foram acolhidas e receberam respostas positivas e encorajadoras. Logo imprimimos o programa da novena e distribuimos as Medalhas. A Missa presencial de 27 de novembro foi transmitida por duas rádios nacionais católicas e através das redes sociais: Facebook e Facebook live dos Vicentinos, com difusão ao vivo no Santuário Nacional de Santo Cristo de Esquipulas, que pertence ao setor paroquial.

No país, as Filhas da Caridade, a Juventude Mariana Vicentina, os membros da Associação da Medalha Milagrosa, os grupos vicentinos, assim como todos aqueles que amam a Virgem Maria, puderam unir-se em oração para viver esta bela festa com maior fervor... realmente, nada é como antes!

“Se a música do Evangelho cessar de repercutir nas nossas casas, nas nossas praças... teremos extinguido a melodia que nos desafiava a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher”²³

No dia do Natal, ficamos muito felizes em nos encontrarmos virtualmente: para ver, ouvir, e comunicar-nos uns com os outros, incluindo o Conselho provincial. As mensagens fraternas foram encorajadoras. Com o auxílio de um novo programa foi possível, de modo virtual, nos ajoelharmos diante do presépio. Cada uma de nós pode escolher um personagem (Maria, José, um pastor, um rei mago...) um objeto do estábulo (uma estrela...) ou um animal (um cordeiro, um camelo...) ou ainda um presente e depositá-los no presépio, comprometendo-nos em assumir as características da escolha feita e viver mais intensamente os frutos da natividade, por exemplo: ser a luz da estrela, imitar a mansidão do cordeiro, ter a força do camelo, estar plena do amor de Maria, doar-se generosamente como José... então, através destas escolhas, o Filho de Deus se encarnaria ainda hoje. Este programa durou cerca de uma hora, foi uma bela ocasião para renovar a nossa doação a Deus e aos pobres.

Natal é também um convite a partilhar com todos a alegria de Deus, que se fez criança para viver a nossa condição humana. No entanto, este período de pandemia, conduz a um aumento considerável de pessoas necessitadas: perda

²³ Fratelli Tutti n° 277

Testemunho das Irmãs

de trabalho, evasão escolar, mulheres que enfrentam mil e um problemas, o que exige da nossa parte muita escuta e compaixão...

Como celebrar natal este ano? Parecia impossível em razão de todas as proibições. Felizmente, há muita generosidade da parte dos movimentos da Igreja, dos benfeitores e, com suas ajudas foi possível oferecer doces e chocolates às crianças e alguns presentes às famílias em grandes dificuldades.

“Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno”²⁴.

Por ocasião do jubileu da Irmã Cruz Elena, as Irmãs de três comunidades puderam se reunir para celebrar este evento. Após um longo período de severas restrições sanitárias, esta foi a primeira vez que as Irmãs das três comunidades se encontraram para participar da Missa na Igreja paroquial e partilhar uma refeição juntas. Este momento foi maravilhoso! Compartilhamos as novidades, as alegrias, mas também as dificuldades.

“Ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar”²⁵.

Hoje estamos mais conscientes da importância de consolidar, dia após dia, a nossa relação com Deus e com o próximo. Compreendemos melhor a importância da partilha fraterna. É claro, que ainda temos muito a fazer para progredir numa vida de comunhão fraterna, mas parece que este período difícil nos fez crescer em fraternidade e na nossa pertença à Companhia. ***“Abaixar-nos-emos para levar às costas o outro?”²⁶***

Irmã Elisabeth CHAVES,
Filha da Caridade

²⁴ Evangeli Gaudium, n° 101

²⁵ Fratelli Tutti n° 87

²⁶ Fratelli Tutti n° 70

Província da Eritreia

Viver os acontecimentos felizes com os “nossos senhores e mestres”

As Filhas da Caridade da Casa Maria Imaculada de Asmara convidaram-me para participar de uma de suas atividades, organizada em prol dos deficientes mentais do Centro para Deficientes de Asmara, no bairro de Maitemenay, gerido pelo município, onde as Irmãs trabalham desde os anos 80 para prestar serviço e levar a alegria aos residentes. Enquanto a sociedade deixa de lado estas pessoas com deficiência mental, as Irmãs testemunham uma proximidade, tentando compreendê-las, consolá-las e defender a sua dignidade de filhos de Deus, além de proporcionar-lhes bem-estar através de cuidados com a higiene pessoal e estética: (banho, cabeleireiro, cuidado com as unhas).

Nos seus serviços, as Filhas da Caridade colaboram com voluntários leigos e jovens da paróquia. A pastoral da paróquia da Medalha Milagrosa é assegurada pelos Padres da Congregação da Missão que, com as Irmãs, engajam os jovens na animação do Centro. As pré-postulantes desta comunidade também participam duas vezes por semana, uma forma de discernir, compreender o carisma vicentino e amadurecer o seu desejo de se tornar uma Filha da Caridade.

Para todas as grandes festas do ano organizamos um momento de confraternização com presentes, principalmente, alimentação e roupas novas. Na Quinta-feira Santa, a refeição é muito especial, chama-se "TuTugo".

Testemunho das Irmãs

A Província doou fundos para a compra de roupas, sapatos e colchas de cama. Durante a distribuição dos presentes, uma mulher idosa com deficiência mental disse-nos: "*Quando nós vos vemos aqui conosco, as nossas vidas são renovadas*". Esta declaração entusiasta, acompanhada por um grande sorriso, tocou-nos profundamente. É claro que só o Senhor pode renovar a vida, mas Ele envia pessoas para dar vida nova àqueles que se sentem desanimados, privados de amor, de respeito e de atenção.

Temos a alegria de servir e de nos doarmos aos residentes, mas recebemos deles uma alegria profunda e inexplicável e eles ensinam-nos o espírito de gratidão e de simplicidade. Como diz São Vicente, os pobres nos evangelizam se estivermos abertos para ler neles as mensagens da vida. Agradecemos ao Senhor por nos fazer viver a profunda alegria do nosso dom total.

Irmã Lettekidan LUCAS
Filha da Caridade

Província de Madrid - São Vicente

“Os pobres, nossos mestres, nos evangelizam”

Pediram-me para compartilhar uma reflexão baseada na experiência vital de uma obra de misericórdia, a saber: “instruir os ignorantes”. Devo dizer-lhes que tive a tentação do “pequeno mestre” (Mt 23, 8), fazer discursos teológicos sobre misericórdia e absolutizar o que é Deus, como se eu tivesse tomado um café com Ele e agora pudesse transmitir uma verdade absoluta. Graças a Deus, esta escrita não pôde ser realizada, porque enquanto eu estava lendo diferentes livros para desenvolvê-la, tentei encontrar o espaço e o tempo ideais para a reflexão e trabalho, sem que nada me perturbasse. No entanto, a vida, o quotidiano, bateu na janela da minha falsa bolha: uma criança que fugiu; a companhia de uma mulher alcoólica ou a visita à uma pessoa detida numa delegacia de polícia; o acompanhamento de um velório; a ida com o meu filho ao hospital; mais as fraldas, a máquina de lavar roupa. Os assuntos quotidianos agradáveis ou não me chamaram à realidade. Deu-me um sentido mais concreto, menos teórico e brilhante do que eu pretendia escrever... Esta é a nossa vida! E isto é o que desejo transmitir-vos: a vida!

Durante algum tempo, na nossa jornada de conversão, na transformação do nosso coração, mudamos o tema da ação. Desta vez, não somos nós que vamos ensinar. Vamos mudar o eixo do nosso próprio eu para o dos pobres, os necessitados.

O que eles nos ensinam?

Para isso, temos de fazer dois exercícios preliminares: o primeiro é descer do nosso pedestal, do nosso prestígio, da abundância de conhecimentos, e retirar da nossa mente todos os preconceitos para tentar olhar com os olhos de Deus. Para isso, temos que fazer um segundo exercício, aquele que nos aproxima do amor de Deus: ouvir. Lembro-me da imagem do filme do “Monsieur Vincent” no sótão onde ele estava hospedado. Foi ali que ele conheceu realmente os pobres, porque, até então, não os compreendia. Avancemos também no caminho da nossa relação com os pobres, aprendamos a conhecê-los, a compreendê-los e, finalmente, a visitar as suas vidas, a compartilhar das suas lutas diárias, até nos tornarmos um deles, como o próprio São Vicente de Paulo, quando, nas galés, começou a remar com os prisioneiros para compartilhar dos sofrimentos que eles tinham que suportar.

A forte expressão de Vicente de Paulo, afirmando categoricamente que *os pobres são nossos mestres*, coloca as Filhas da Caridade e, todos nós que vivemos o carisma vicentino, em posição de aprendizes, para servir com humildade e simplicidade. Aprender a ensinar é algo de ordinário, porém, os mestres aprendem ensinando, e os pobres, os verdadeiramente pobres, nos ensinam a cada instante e em todas as circunstâncias da vida. Deixar-se ensinar pelos pobres é uma tarefa de toda a vida e assim, “instruir os ignorantes” é o melhor aprendizado e a mais empolgante missão.

Esta pequena partilha é o reflexo dos fatos anotados no meu diário pessoal, a partir do conhecimento que os pobres possuem e quando fui testemunha dos seus corações que sonham, que sofrem, que desejam, que amam. Eles vivem do seu interior e ao mesmo tempo, da realidade da sua condição e da realidade que o mundo lhes impõe. Quero simplesmente compartilhar aqui suas vidas.

Novamente, estas mulheres estão todas lá reunidas diante da porta da escola. Já faz trinta minutos que elas aguardam a chegada da assistente social, da diretora, da Filha da Caridade, para pedir livros, uniformes, alimentos, desconto na cantina; como a multidão, perseverante na fé, que se comprimia para tocar o Cristo (cf. Lc 8, 40-56).

Temos aqui uma mulher que acolheu em sua casa três sobrinhos, filhos da sua irmã, que falecera, como muitos jovens de sua geração, por causa das drogas. Ela passou a criá-los e sempre está atenta a todas as necessidades deles. Quando o mais velho se revolta e foge, ela o perdoa várias vezes, e o acolhe novamente em seu lar. Esta atitude faz-nos pensar na misericórdia do Pai diante do Filho pródigo (cf. Lc 15, 11-32).

Um adolescente rotulado como marginal e delinquente, no momento que os irmãos do seu amigo são levados pelo serviço social, coloca a sua mão na lâmina de faca, que o próprio amigo segurava para evitar que este cometesse uma loucura e acabasse com a vida da assistente social. Não é esta a sensibilidade dos pequenos? (cf. Mt 5,4).

Uma avó cigana, viúva e sem recursos acolheu em sua casa três filhos, duas noras, e seis netos. Como Jesus, sensível ao sofrimento dos seus contemporâneos, pega “cinco pães e dois peixes para alimentar a multidão” (cf. Mc 6, 30-44).

Alguns homens que estão desempregados, sem formação qualificada, sem reconhecimento profissional da sua atividade, passam o dia inteiro recolhendo todo tipo de sucatas e de material reciclável. Eles são a imagem do pobre Lázaro (cf. Lc 16, 19-31).

Uma avó equatoriana e o seu neto com síndrome de Down que vão à paróquia todas as manhãs, porém, chegam apenas no final da missa. Juntos, eles rezam diante do Cristo crucificado e nós, os bons paroquianos, ficamos incomodados com o tom de suas vozes. Como na conhecida parábola do publicano e do fariseu, o publicano reza de uma forma completamente diferente e torna-se objeto de indulgência divina (cf. Lc 18, 9-14).

Uma mãe que ensina aos seus filhos que devem saber perdoar e cuidar do seu pai doente até à sua morte, mesmo que ele os tenha abandonado por causa de uma infidelidade. Lembra-nos a imagem do Cristo que convida os seus discípulos a perdoar setenta vezes sete (cf. Mt 18, 21-22).

Testemunho de um colaborador vicentino

As prostitutas que já sabem muito, mas por humildade pedem as religiosas que vêm ao seu encontro na rua: "Fale-nos de Deus". "Os publicanos e as prostitutas vos precedem no Reino dos Céus" (cf. Mt 21, 31).

E, muitos outros fatos encarnados nos pobres, que escondem pequenos e grandes ensinamentos do mistério da misericórdia.

A mãe alcoólica grávida que, depois de ter sido espancada pelo marido, suplica ao Cristo dos pobres para ver nascer a sua filha.

A mãe despejada da sua casa que acolhe outra mãe migrante e o seu filho com paralisia cerebral.

Os camponeses malianos desempregados e em situação irregular, reúnem tudo o que têm para repatriar o corpo da esposa de um deles.

Aqueles que vivem na rua e se embriagam antes de entrar no restaurante social, pois, eles se sentem humilhados pelo fato de depender de lugares como este para comer todos os dias.

Uma criança que joga em você uma batata do terceiro andar do prédio porque não foi escolhida para participar de atividades culturais que são desenvolvidas no bairro.

Crianças que protegem os seus pais, escondendo as cartas de convocação de reuniões com o tutor da escola, para que não se sintam envergonhados perante os professores.

Crianças que escondem a sua mãe quando ela está embriagada porque sabem que ela será ridicularizada publicamente.

As milhares de crianças do mundo inteiro que servem como professores para outras crianças nas suas aldeias ou em baixo das pontes das grandes cidades.

Uma criança síria dirige-se a nós, gritando "a minha mensagem é: por favor, ajudem os sírios. Parem com a guerra, não queremos ir para a Europa".

Faço minhas estas palavras: *"Durante anos, a chama da vingança me manteve vivo. Na prisão do meu ódio, pessoas habitadas por Amor visitaram-me e puseram-me de joelhos dentro do meu coração. São àquelas a quem a nossa sociedade rejeita: as maltratadas, as abandonadas, as deficientes, as "anormais", a quem eu devo a minha vida e uma formidável lição de amor. Dedico este livro a elas. Elas me permitiram renascer. Este encontro inesperado com o Amor mudou completamente a minha vida"* (Prólogo do livro: "Mais forte que o ódio", Tim Guénard).

As pessoas mais pobres são os nossos mestres. Não é fácil compreender. É óbvio que eles não são nossos mestres apenas em conhecimento, em capacidades, mas são os nossos mestres essencialmente em matéria de consciência... E isto é acrescentado à profundidade da cultura ocidental que sempre se esforçou de maneira permanente para desenvolver a sua consciência. Os mais pobres ensinam-nos a consciência da justiça, a consciência da injustiça, a consciência do desprezo. Isto é o que aprendemos através das suas palavras, dos seus atos, das suas vidas. Desta forma, os pobres permitem aprofundar e desenvolver a consciência daqueles que se unem a eles. Se não ouvirmos os excluídos, corremos o risco de caminharmos para uma catástrofe.

"Observar, ouvir e questionar aqueles que vivem na pobreza é um processo no qual não nos empenhamos com facilidade. Requer, antes de tudo, uma grande humildade e disponibilidade. A humildade de dizer a nós mesmos que esta pobre pessoa tem algo a ensinar-nos. A disponibilidade para aceitar as consequências do que aprendemos. Para onde nos levará este homem que parece desafiar nossos esforços, para tira-lo dali, refugiando-se nesta pobreza que nos acusa do nosso fracasso social ou religioso? Acaso, não preferiríamos destruí-lo completamente, impondo a nossa vontade ao pobre homem, despedaçando-o, obrigando-o a ser como nós ou a desaparecer?"

A análise objetiva também exige uma grande capacidade da nossa parte. Será que sabemos simplesmente ouvir os pobres e interpretar as suas palavras, cujo significado no seu mundo é diferente do nosso? Será que compreendemos os seus gestos, que são de um universo no qual ainda não penetramos realmente? Podemos descobrir como a pessoa pobre nos percebe, como ela vê aqueles que a rodeiam, uma vez que isso determinará, em uma dimensão maior, a maneira como ela irá se comunicar connosco?"

Quantos questionários mal concebidos, quantos estudos mal conduzidos, quantas abordagens ineficazes e insatisfatórias, porque não fomos capazes de

Testemunho de um colaborador vicentino

nos adaptar à pessoa que entrevistamos. Mesmo em nossa análise, queremos que os pobres se adaptem a nós, às nossas experiências anteriores, em vez de nos adaptarmos a eles” (Joseph Wresinski).

Não são os pobres que devem adaptar-se a nós, somos nós que devemos nos adaptar a eles. Devemos ser, através do chamado de Deus, os seus servos. Somos chamados a viver a aristocracia no sentido contrário, para ajudar aqueles que não têm ninguém por eles. *"todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos pequeninos, foi a mim que o fizestes"* (Mt 25, 40). São Vicente disse às Filhas da Caridade: *"os pobres são os nossos amos; são os reis"*, e Senhores (Conf. de 25 de novembro de 1658, pág. 845).

O importante é que nós, seres humanos, nos encontremos, que haja amor e cesse a exclusão. Por detrás da pessoa excluída existe um "tu" escondido pelo mundo da humilhação. Fazer com que este "tu" nasça através da cultura, da educação e de tudo o que isto implica. Ajudar as pessoas pobres a redescobrir a sua beleza, a sua dignidade como seres humanos. Esta visão de um mundo que muda de baixo para cima é profética. Voltemo-nos para o Evangelho, façamos uma nova leitura do encontro com os pobres, e façamo-la com alegria. Então, quem ensina a quem? Sim, os pobres são os nossos mestres.

Daniel Roca LAGUNA
Assistente Social nas escolas de Madrid

Santa Elizabeth Ann Seton, uma criança cheia de esperança



Muito cedo em sua vida, Elizabeth Ann Seton (Bayley, é o seu nome de solteira) teve que superar provações, sair porta afora e ir ao encontro. Foi a graça divina que lhe permitiu tornar-se cada vez mais aberta e sensível aos encontros de Deus.

História
da
Companhia

Este artigo fornece uma visão geral das respostas de Elizabeth Ann Bayley aos acontecimentos difíceis e angustiantes durante a sua juventude, assim como, da sua influência, no seu relacionamento com Deus, antes de 1793.

As famílias Bayley e Charlton fazem parte dos primeiros colonos que se instalaram em Nova Iorque, muitos deles Huguenotes (protestantes do reino da França e de Navarra) das Ilhas Britânicas. Em 1767, o Dr. Richard Bayley casou-se com Catarina Charlton, filha de Mary Bayeux e do Reverendo Richard Charlton, pastor da Igreja Anglicana de Santo André em “Staten Island” - Nova Iorque.

Após a derrota dos ingleses pelos patriotas americanos, na Batalha de Yorktown (1781), os colonos criaram uma nova República, tendo como a primeira capital a cidade de Nova Iorque, elegeram o seu primeiro Presidente, George Washington (1789), e começaram a estabelecer uma democracia. Ao mesmo tempo, em Nova Iorque, os membros

Santa Elizabeth Ann Seton, uma criança cheia de esperança

da Igreja da Inglaterra recusaram-se ser liderados pelo Rei do Reino Unido. Unificados no espírito, conterrâneos americanos estabeleceram a Igreja Episcopal Protestante nos Estados Unidos em 1801. As famílias Bayley e Charlton estiveram entre os primeiros membros desta Igreja Episcopal.

Richard e Catarina Bayley, os pais de Elizabeth Ann

Richard e Catarina Bayley viviam perto de Newtown, Long Island (atualmente o bairro se chama Elmhurst de Queens, Nova Iorque). Embora a vida colonial oferecesse poucas comodidades, o casal Bayley estava confiante de que um dia iria prosperar. Richard era um jovem médico, Catarina tinha um pai que era pastor episcopal, um irmão que era médico altamente respeitado, e um cunhado que era comerciante bem-sucedido, que mais tarde se tornou um agricultor. Assim, os Bayleys não esperavam encontrar adversidades.

O casal teve sua primeira filha: Mary. Seis anos mais tarde, em 28 de agosto de 1774, nasceu a segunda filha: Elizabeth Ann. Dois anos mais tarde, esperavam a terceira filha, porém, durante o parto, a mãe ficou gravemente doente e morreu subitamente apesar dos cuidados do marido.

O pai e os filhos ficaram inconsoláveis com a morte desta mãe amorosa. Quando Elizabeth Ann descobriu muito mais tarde a oração de São Bernardo, *o Lembrai-vos*, ficou profundamente tocada por ela.

*"Senti realmente que tenho uma Mãe,
que o meu coração sem inteligência
tinha tantas vezes lamentado por tê-la perdido
na minha juventude.
A partir das memórias dos meus primeiros anos de vida,
quer nos meus jogos infantis, quer na impetuosa correria
da minha adolescência,
Sempre olhei para as nuvens em busca da minha mãe;
e, nesse momento, pareceu-me que tinha encontrado
mais do que ela poderia dar-me em termos de ternura
e amor materno.
Porém, chorei até adormecer sobre o seu coração”²⁷.*

²⁷ Carta 2.11 à Rebecca Seton, Elizabeth Bayley Seton: *Collected Writings* [Obras completas]. Quatro volumes editados pela Irmã Regina Bechtle, SC e Irmã Judith Metz, SC. New City Press: Hyde Park, 2000-2006. Tomo I, página293.

Após a morte da matriarca, nenhum documento permite saber quem tomou conta da casa e das crianças, antes do segundo matrimônio do Dr. Bayley.

Charlotte Bayley, a madrasta de Elizabeth Ann

Um ano após a morte da sua esposa, o Dr. Bayley concluiu que as três meninas precisavam de uma mãe, então, ele decidiu se casar com uma jovem de 19 anos: Charlotte Amélia Barclay. Porém, as meninas tiveram dificuldades em acolher a madrasta que tentava ser aceita como a nova mãe e dona da casa.

Charlotte, a mais nova de onze filhos, também era órfã de pai desde os três anos e, de mãe desde os seis anos de idade. Pouco se sabe sobre o carácter de Charlotte, porém, sabe-se que ela não tinha experiência com crianças pequenas, e as três meninas logo perceberam isto, e ficaram indignadas. Poder-se-ia imaginar que uma jovem mulher, tendo vivido o luto na sua própria infância, fosse compreensiva para com estas três meninas. No entanto, apesar dos seus esforços para lhes demonstrar afeto maternal, elas sentiram mais como uma intrusão e não estavam abertas para recebê-la.

Esta família reconstituída, enfrentou muitas dificuldades nos primeiros quatro meses, inclusive Catarina (Kitty), a filha mais nova, adoeceu e morreu repentinamente. O tenso clima familiar aumentou. Elizabeth ficou muito entristecida com este segundo luto e sentiu-se culpada pela morte da mãe e da sua irmã. O mistério da morte é insondável para as crianças.

O luto começa a fazer parte da trama da vida de Elizabeth; o sofrimento molda o seu coração para a compaixão, a empatia e a coragem, a exemplo de Luísa de Marillac, entendendo que é da vontade de Deus que ela vá *“a Ele pela cruz”*²⁸.

Quando menos se espera, a adversidade lança uma nova sombra sobre a família. Devido a estas feridas emocionais, que só serão curadas com o tempo e com a graça de Deus, uma grande angústia parece habitar no coração de Elizabeth Ann que tem apenas três anos de idade.

²⁸ SL, E. 19, sobre a Caridade, pág.804.

Santa Elizabeth Ann Seton, uma criança cheia de esperança

No final de sua vida, Elizabeth anotava suas lembranças da juventude: *"Quando eu tinha quatro anos, sentada sozinha num degrau, eu olhava para as nuvens, enquanto a minha irmãzinha Catarina, de dois anos, estava deitada no seu caixão, perguntaram-me se eu não tinha chorado quando a pequena Kitty morreu. - Não, porque Kitty foi para o céu. Eu também gostaria de ir para lá com a mamãe"*²⁹.

Dezessete anos após o segundo casamento, a família Bayley conta com mais sete filhos. Os conflitos surgem e crescem nesta família reconstituída. Por causa de um *"desacordo familiar"* quando Elizabeth tinha 16 anos, ela não conseguia compreender *"porque é que, quando falava gentilmente com os membros da própria família, eles não a respondiam - e ela não conseguia imaginar que alguém pudesse ser inimigo de outra pessoa"*³⁰.

O dilema do pai de Elizabeth com a sua profissão de médico

Para aprofundar os seus estudos médicos, o Dr. Bayley decidiu ir para à Inglaterra. Será que foi realmente para adquirir novas competências ou simplesmente para se distanciar das tensões familiares? Seria ele principalmente um profissional dedicado ao bem da sociedade como médico ou um pai amoroso cujo principal interesse é o bem dos seus filhos? Qual destas duas obrigações ele considerava mais importante perante Deus? Na realidade não o sabemos, mas a ausência do pai para uma criança de oito anos como Elizabeth muda para sempre a situação familiar. Consciente de que as suas duas filhas se sentiam rejeitadas pela madrasta, o pai decidiu que Mary e Elizabeth, 14 e 8 anos respectivamente, iriam viver com o seu tio paterno William Bayley, casado com Sara Pell, na sua chácara em Nova Rochelle, Nova Iorque.

Durante vários anos as duas filhas não viram o seu pai. Elizabeth ficou profundamente triste diante desta falta de atenção paterna; algumas vezes ela chegou até mesmo a pensar que o seu pai já não a amava. Felizmente, ela gostava de brincar com as outras crianças da vizinhança, especialmente os seus primos, Joe e Nancy. Ela era grata aos seus tios por lhe demonstrarem amor. Ela sonhava com a segurança e a estabilidade junto ao seu pai, mas para que isso acontecesse, ele tinha que voltar... E o seu pai voltou por

²⁹ Cf. Tomo III^o, pág. 510.

³⁰ Cf. Tomo IIIa, página 51

algum tempo. As crianças retornaram a casa paterna, porém, não por muito tempo, pois, o pai viajou para Londres a fim de estudar e as suas duas filhas regressaram, para uma segunda estadia na casa dos tios e, desta vez, mais prolongada até 1790.

Durante quatro anos o Dr. Bayley estudou medicina e anatomia na Faculdade de Anatomia em Londres, sob a orientação do Dr. William Hunter (1782-1786). No seu regresso, exerceu a profissão durante aproximadamente dois anos com o seu cunhado e mentor, Dr. John Charlton, e depois regressou ao Hospital São George, em Londres, para aprofundar o estudo de cirurgião por mais dois anos, sob a orientação do Dr. John Hunter (1788-1790).

A solidão de Elizabeth-

Devido às longas ausências do seu pai, a jovem Elizabeth sentiu-se rejeitada e acreditava que o pai já não mais a amava; ela também sentiu muito a falta da sua falecida mãe. Os meses estenderam-se em anos, e Elizabeth, enquanto adolescente, sentiu-se desorientada devido a esta acumulação de luto e separação. Ela recordou este período cheio de amargura: *"Insensatez - tristezas - sofrimentos, amizades miseráveis... como é estúpido amar qualquer coisa neste mundo"*³¹.

Apesar da sua desolação e raiva perante a rejeição paterna, Elizabeth gostava de contemplar a natureza; isso a reconfortava e evocava-lhe até admiração. Para lidar com a sua instabilidade enquanto adolescente, Elizabeth escapava para o mundo da imaginação: por exemplo, ela tinha *"muitos pensamentos de fugir para um lugar assim, no estrangeiro, disfarçada, onde trabalharia para viver...ela ficava espantada com a preocupação que as pessoas tinham com a sua maneira de se vestir..."*³². Elizabeth olhava para o futuro e começava a sonhar:

"Aos dezoito anos, desejei possuir uma pequena casa no campo, onde pudesse reunir todas as crianças pequenas da vizinhança e ensinar-lhes as orações, a serem boas e mantê-las limpas. Tinha o desejo ardente de que

³¹ Cf. Documento, 10.4, Queridas lembranças, Tomo III a, pág. 512.

³² Ibid.

Santa Elizabeth Ann Seton, uma criança cheia de esperança

como nos romances existissem lugares como este, nos Estados Unidos, onde as pessoas pudessem distanciar-se do mundo, rezar e ser sempre boas”³³.

Desamparada e angustiada, por vezes, seu espírito é invadido pela melancolia. Sofrendo de solidão, ela tem oscilações de humor, mas a tristeza parece instalar-se no seu jovem coração. Impotente diante destas circunstâncias inseguras, ela descreve em seu diário um episódio, sem dúvida, relacionado com a depressão da adolescente³⁴.

“Fui muito miserável...impelida pela dor deste raciocínio miserável”. Ela expressou estar aliviada por não ter tomado uma overdose de laudanum, droga a base de ópio: “Louvor e ação de graças de alegria transbordante por não ter realizado aquele ato horrível - milhares de promessas de GRATIDÃO eterna”³⁵.

No meio da sua confusão, Elizabeth luta contra a insegurança e a impotência. Na sua juventude, ela ainda não conhecia Vicente de Paulo, que dissera a Luísa de Marillac: “Sou como vós, Senhora. Nada me aflige tanto como a incerteza...”³⁶. Contudo, vinte anos mais tarde, especialista em maturidade e sabedoria, Vicente expressou este pensamento cheio de fé: “...Deus seja bendito por querer que todas as coisas do mundo sejam incertas e perecedouras, para que busquemos apenas nele a solidez de nossos projetos e de nossos trabalhos, porque então os acontecimentos servirão para o nosso bem”³⁷.

No entanto, Elizabeth, que tem fé, mantém a esperança, ela acredita numa “Providência que não dorme, nem cochila”³⁸. É a sua devoção à “Providência misericordiosa” e à proteção do seu anjo da guarda que a consola nas dificuldades da sua vida. Aprendeu gradualmente a lidar com a adversidade “com boa graça”³⁹. Só a “presença benevolente e a graça consoladora de... [seu] Redentor e [seu] Deus” lhe permitiram superar a sua desventura⁴⁰.

³³ Ibid.

³⁴ Cf. Carta 1.9 à Eliza Sadler, 11 de agosto de 1796, Tomo I, pág. 10.

³⁵ Cf. Documento 10.4, Queridas lembranças, Tomo IIIº, pág. 512-3.

³⁶ SV I, 276 - Carta 175 de Vicente de Paulo à Luísa de Marillac, [Entre 1632 e 16361, provavelmente a 22 de julho].

³⁷ SV VI, 479 - Carta 2352 - A Jacques Chiroye, em 26 de agosto de 1657.

³⁸ Cf. Carta 1.8 à Eliza Sadler, 8 de fevereiro de 1796, Tomo I, pág. 9.

³⁹ Cf. Carta 1.12 à Eliza Sadler, 1 de agosto de 1796, Tomo I, pág. 17.

⁴⁰ Cf. Carta 2.8 à Rebecca Seton, 3 de janeiro de 1804, Tomo I, pág. 280.

Elizabeth, mais introspectiva do que exuberante, é espontaneamente intuitiva. A sua interioridade é uma graça que a sustenta e amadurece, ela sai para cuidar dos outros e dedicar-se a obras de caridade. Uma adolescente precoce, ela adorava ler e falar com adultos, apesar da sua juventude. No entanto, a melancolia regressa, de vez em quando, ao seu coração ferido e o sentimento de solidão fechava-a em si mesma ou deixava-a zangada porque herdou a personalidade colérica da família Bayley. O seu pai preocupado, escreve os seus conselhos paternos:

*"Acalma o fogo da tua alma, a flama radiante do teu peito, em favor de um clima mais moderado. Assim, as impressões rapidamente diminuirão, mas os efeitos serão mais duradouros... Cuidado com as mudanças bruscas do tempo. Nunca te detenhas numa bagatela, seja dona de si mesma, então estou convicto de que terás sempre o mérito de agir bem"*⁴¹.

O olhar orientado para o alto

A família Bayley moldou a identidade religiosa de Elizabeth e a sua visão de Deus de acordo com a confissão episcopal e dentro de um contexto religioso diversificado. Muitos dos seus familiares são descendentes de huguenotes franceses. Entre os seus amigos e conhecidos incluem-se também os metodistas, os quakers e anabaptistas. Durante a sua juventude, a sua constante exposição às diferentes tradições religiosas deu-lhe uma consciência, uma aceitação e abertura a diferentes confissões religiosas e maneiras de prestar culto a Deus.

A espiritualidade e santidade de Elizabeth estavam baseadas no batismo. No momento da morte da matriarca, um parente disse a Mary e Elizabeth, apontando para o céu, que a querida mamãe tinha ido lá para o Alto. Seja qual for a razão, Elizabeth compreendeu que os seus entes queridos falecidos estavam com Deus no Céu, na nuvem. Depois disso, ela contemplava as nuvens para se lembrar deles. Elizabeth, alimentava sempre o desejo de encontrar a sua mãe, então, adotou o hábito de "erguer os olhos para Deus" em oração silenciosa⁴².

⁴¹ Cf. Arquivos da Província Santa Luísa-EUA (APSL), Carta do Dr. Richard Bayley à EA Bayley, sem date.

⁴² Cf. Documento 10.4, Queridas lembranças, Tomo III a, pág. 512-3; Carta 3.26 a Antônio Filicchi, 30 de abril de 1805, Tomo I, pág. 359.

Santa Elizabeth Ann Seton, uma criança cheia de esperança

Sem dúvida, ao recordar esta explicação sobre o Céu, Elizabeth anotou esta lembrança no seu diário: "*Quando eu tinha seis anos, levantei na altura da janela do sótão, a minha irmã mais nova Emma, para mostrar-lhe o sol poente, disse-lhe que Deus vivia lá em cima, e que as crianças boas iriam lá para cima... ensinando-lhe as suas orações*"⁴³.

Apesar da relação tensa com a sua madrasta, Elizabeth realçou que a segunda senhora Bayley, dedicou tempo para ensinar-lhe o Salmo 22 "*O Senhor é meu pastor*": "*Durante a minha vida este salmo tem sido o meu favorito... 'Ainda que eu caminhe pelo vale da morte, não temerei nenhum mal, pois Tu estás comigo*"⁴⁴. Ler, meditar e rezar "*as queridas Escrituras, como de costume*" tornou-se durante toda a vida de Elizabeth uma prática para alimentar a sua relação com Deus. Quando tinha dificuldades para dormir, ela pegava a sua Bíblia e ficava lendo até adormecer⁴⁵. Antes do seu casamento, Elizabeth alimentou a sua relação com Deus de várias maneiras:

- Participava do culto e recebia a comunhão nos "Domingos de Comunhão".

- Lia a Bíblia: no início era apenas literatura, mas, gradualmente, a sua leitura tornou-se meditação e oração. Após algum tempo, ela copiava as páginas que a inspiravam e escrevia pequenos comentários nas margens da sua Bíblia.

- Consultava os comentários bíblicos para compreender melhor certas passagens e copiava aquelas que a ajudavam a aprofundar a sua fé.

- Tocava piano e cantava os hinos.

- Promovia a harmonia nas suas relações e o cuidado com a criação.

- Dedicava tempos de solidão e para contemplar a beleza da natureza.

A capacidade de maravilhar-se

A beleza da criação fascinava Elizabeth, ela gostava de "*se aproximar da natureza e do meio ambiente com abertura para a admiração e o encantamento*"⁴⁶: ela explorava tanto as florestas como a vegetação e o mar. Durante toda a sua vida, ela observava cuidadosamente o ciclo natural

⁴³ Ibid., Tomo IIIa, pág 510.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Carta 2.7 a Rebecca Seton, 19 de novembro de 1803, Tomo I, pág. 254; cf. Carta 1.7 a William Magee Seton, 23 de julho de 1794, Tomo I, pág. 6.

⁴⁶ Cf. *Laudato si'* (2015), 11.

das estações, a vida que parece adormecer no Inverno e depois acordar na primavera, os ninhos cheios de ovos de aves, as flores nos campos, as conchas do mar...ela nunca deixava de contemplar as nuvens que estão sempre em movimento - em busca da sua mãe e da pequena Kitty.

Ela maravilhava-se com a fragilidade da vida. Quando via "as meninas pegando os ovos de passarinho nos ninhos", e causando angústia na mãe pássaro, ela chorava porque "as meninas queriam destruí-los"⁴⁷. Chocada pela falta de sensibilidade das suas amigas, Elizabeth "sempre gostava de brincar e de caminhar sozinha"⁴⁸. Quando adulta, ela anotava suas lembranças, contando com nostalgia os anos que passou com os seus tios em Nova Rochelle, um lugar cheio de beleza multifacetada que naturalmente a orientava para Deus.

Se Elizabeth ainda estivesse viva hoje e pudesse ler "*Laudato si'*", ela teria observado a sabedoria do Papa Francisco e provavelmente teria copiado no seu diário: "*A natureza nada mais é do que o conhecimento de uma certa arte - concretamente a arte divina - inscrita nas coisas, pela qual as próprias coisas se movem para um fim determinado*"⁴⁹.

Elizabeth revelava as suas delícias na presença íntima do Criador, do Artista divino⁵⁰.

*"Fico feliz em sentar-me sozinha às margens do Long Island (Longa Ilha) ou caminhar durante horas ao longo da costa, cantando e recolhendo conchas. Cada folha, flor, animal, inseto, sombra das nuvens ou barulho do movimento dos ramos é objeto de pensamentos vagos e efêmeros sobre Deus e o céu"*⁵¹.

A consciência ecológica

Quando Elizabeth passou da infância à adolescência, ela gostava de viver perto do litoral: ela escrutou e descobriu outros aspectos da natureza, admirando o seu delicado equilíbrio. No entanto, nunca tinha ouvido falar

⁴⁷ Cf. Doc. 10.4, Queridas lembranças, Tomo IIIa, página 510.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ *Laudato si'*, 80.

⁵⁰ Doc. 10.4, Queridas lembranças, Tomo IIIa, página 510-23.

⁵¹ Ibid., página 511.

Santa Elizabeth Ann Seton, uma criança cheia de esperança

sobre a proteção da terra ou do dever de ser uma administradora responsável, como se diz hoje: a sociedade enfrenta "o urgente desafio de proteger a nossa casa comum"⁵². Ser uma guardiã da criação é responsabilidade de todos.

Nas suas próprias palavras, a jovem Elizabeth era consciente não somente do valor, mas também da fragilidade da natureza e, instintivamente, contemplava e protegia os habitats da flora e da fauna⁵³. O seu interesse pelo que parecia ter pouca importância faz lembrar a convicção do Papa Francisco: "o Espírito Santo... sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis... é a continuação da ação criadora apesar da má administração humana"⁵⁴.

Uma Irmã da Caridade de Seton Hill, a Irmã Sung-Hae Kim, especialista da Família Vicentina, realizou um estudo sobre os escritos de Elizabeth a partir de uma concepção ecológica para ressaltar novas perspectivas à luz da compreensão da ecologia no século XXI. Enquanto cantava, Elizabeth adorava apanhar conchas na praia. Cada vez mais consciente de que Deus é o Criador do mundo, ela ampliou o seu círculo de relações. As suas memórias de infância, adolescência e juventude fornecem exemplos de uma consciência ecológica rudimentar que se aprofundaria mais tarde como esposa e mãe⁵⁵. A Irmã Kim analisou os escritos de Elizabeth entre 1793 e 1808 e identificou estes "elementos constitutivos de sua espiritualidade ecológica"⁵⁶:

1. O seu encontro com Deus e os seus amigos realizava-se sempre na beleza da natureza;
2. Quando se sentia abandonada, Elizabeth identificava-se com a natureza ao seu redor onde experimentava o consolo e a misericórdia de Deus;
3. Ela via na natureza a justiça de Deus, aprendeu o equilíbrio ecológico que acolhe a vida e a morte, a alegria e o sofrimento;

⁵² *Laudato si'*, 13.

⁵³ Cf. Doc. 10.4, Queridas lembranças, Tomo IIIa, página 510.

⁵⁴ *Laudato si'*, 80.

⁵⁵ Cf. Doc. 10.4, Queridas lembranças, Tomo IIIa, página 510-511.

⁵⁶ Ver Kim, Sung-Hae, SC, "The Ecological Spirituality of Elizabeth Ann Seton" ["A espiritualidade ecológica de Elizabeth Ann Seton"], *Vincentian Heritage Journal*, Tomo 32(2015), no. 2. Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/vhj/vol32/iss2/2> Seus elementos constitutivos são retomados com a devida permissão neste artigo.

4. Consciente dos ritmos da natureza, compreendeu a importância de viver o momento presente e de aceitar cada situação em paz, graças às virtudes da sobriedade e da harmonia.

A confiança em Deus

Em 1786, o Dr. Bayley regressou de Londres e permaneceu em Nova Iorque durante cerca de dois anos, até o momento do início de um motim contra os médicos, em abril de 1788. Aparentemente, as suas duas filhas, do seu primeiro casamento, Mary, 20 anos e Elizabeth, 14 anos, viveram com ele até à sua próxima partida para Inglaterra. A fim de continuar a sua pesquisa, o Dr. Bayley tinha reunido uma valiosa coleção de espécimes anatômicos. Mas, numa noite, as pessoas atacaram o seu laboratório médico no Hospital de Nova Iorque e destruíram grande parte da sua coleção, tudo isto devido a rumores de que ele e os seus colegas eram ladrões de sepulturas, pegando os corpos para dissecação⁵⁷.

Nas suas memórias, Elizabeth recordou o ataque noturno como "*uma noite passada a transpirar de terror*". O barulho e os danos causados pela multidão aterrorizaram Mary e Elizabeth, que passaram a noite em oração. Ambas temiam pela vida do seu pai, dos seus colegas e pela sua própria segurança. Esta violência assustou a todos. O seu pai sobreviveria a este ataque? Poderiam elas proteger-se?

Mary e Elizabeth voltaram-se para Deus com confiança e fervor. E Deus ouviu as suas preces: o Dr. Bayley e os seus colegas ficaram ilesos, mas o laboratório foi danificado e os espécimes destruídos. O seu pai conseguiu salvar alguns deles, na esperança de reconstituir a sua preciosa coleção, mas alguns eram insubstituíveis. Naquele dia, Elizabeth estava convicta de que Deus era Pai e que ele nunca deixaria de amá-la.

Essa noite de violência não seria a última na vida de Elizabeth. Quinze anos mais tarde, ainda em Nova Iorque, Elizabeth verá outra multidão em fúria⁵⁸.

⁵⁷ Cf. De 13 a 14 de abril de 1788.

⁵⁸ Um motim anticatólico eclodiu em torno da Igreja de São Pedro de 24 a 25 de dezembro de 1806.

Enfim, devido à maneira como tratava os pacientes, o Dr Bayley tornou-se para Elizabeth um modelo

Em 1790, o Dr. Bayley regressou definitivamente de Londres e instalou-se no lado sul de Manhattan (cidade de Nova Iorque), Ele trouxe as suas duas filhas mais velhas para viverem com ele, Elizabeth tinha 16 anos de idade e Mary estava com 22. É possível que, durante este período, Elizabeth tenha frequentado uma pequena escola particular sob a direção da Sra. Pompelion⁵⁹.

O Dr. Wright Post, um estudante de medicina do Dr. Bayley, gostava de Mary, a filha mais velha, e eles se casaram em 1790⁶⁰. Nesse mesmo ano, o Dr. Bayley separou-se definitivamente de Charlotte, sua segunda esposa, porém contou com ela para garantir a educação dos seus sete filhos (com idades compreendidas entre alguns meses e 11 anos), ele pôde assim, prosseguir a sua paixão pela investigação médica com tranquilidade.

Em Manhattan, Elizabeth participou com outros adolescentes de várias atividades: danças, concertos, peças de teatro, festas. No seu diário de lembranças, ela escreveu: "*Mil reflexões depois de ter estado nas reuniões, nas quais eu não podia dizer as minhas orações e ter bons pensamentos como se estivesse em casa, refletir e colocar cada coisa no seu lugar - também não me sinto em condições de o fazer - prefiro ir para o meu quarto do que me distrair com coisas externas*"⁶¹.

Impulsionado pela curiosidade intelectual e científica, o Dr. Bayley procurou compreender o mistério da anatomia e da fisiologia humana. Com o seu pai, Elizabeth aprendeu muito sobre enfermagem, medicina e farmacologia. Ela seguiu o exemplo do pai junto aos pacientes pobres que vinham à clínica de Nova Iorque, admirava o seu dedicado serviço, sua competência, sua ética e compaixão.

O empenho do Dr. Bayley no avanço da medicina e da formação médica permitiu-lhe ganhar o respeito da classe médica, especialmente na prevenção da propagação de doenças através da imposição da quarentena nos portos. Elizabeth orgulhava-se do seu pai não só por ter encontrado

⁵⁹ Cf. APSL, Carta de Mary Bayley Post à Elizabeth Seton, de 12 de junho de 1815.

⁶⁰ Em 10 de junho de 1790.

⁶¹ Cf. Doc. 10.4, Queridas lembranças, Tomo IIIa, página 512.

formas de deter a transmissão da febre amarela, mas também por ter sido o primeiro inspetor de Saúde Pública no Porto de Nova Iorque e por ter cuidado de imigrantes enfermos.

Paz no coração

Para Elizabeth, cada sinal de vida a fazia pensar em Deus e olhar para o céu para implorar Suas graças. Ela escreveu: "*Segundo a tradição, ao olhar constantemente para o alto e fortalecer a minha paciência, o meu pobre espírito perde a sua resistência para suportar tudo o que acontece e resignar-se pacificamente ao que me espera*"⁶².

A majestosa beleza do nascer e do pôr-do-sol deixavam-na deslumbrada. A beleza da criação diminuía o seu estresse, contribuía para a sua interioridade e produzia nela um equilíbrio interior e uma perspectiva mais ampla.

Elizabeth também gostava de escrever. Ela anotava seus pensamentos ou acontecimentos importantes da vida, seja no diário pessoal ou na sua correspondência com os familiares. Escrever era a sua principal maneira de expressar os sentimentos e sobre eles refletir, de definir suas expectativas e relativizar os acontecimentos difíceis da sua vida.

Ela também gostava muito de ler. Durante a sua juventude, ela leu a Bíblia, a história da Antiguidade, a mitologia grega, a filosofia, relatos de viagens e poesias. A diversidade literária deve-se, sem dúvida, à disponibilidade de livros que ela encontrava em determinados momentos. Ao longo do tempo, as suas escolhas literárias incluíram passagens da Bíblia, mas também manuais escolares e coleções de poesias, que ela copiava quando certas passagens lhe agradavam. Num dos seus cadernos de apontamentos foram encontrados trechos de trinta e dois poetas, na sua maioria escritores ingleses e escoceses do século XVIII, incluindo William Cowper e Edward Young⁶³. Ao longo da sua vida, Elizabeth copiou trechos de escritores espirituais e entrelaçou os seus próprios pensamentos

⁶² Carta 4.11, à Júlia Scott, 20 de novembro de 1805, *CW*, 1:396.

⁶³ Cf. Kelly, Ellin "Elizabeth Bayley Seton's Commonplace Book of Poetry, Arquivos Casa Provincial São José, Rare Book 31" ["o caderno de poesia de Elizabeth Ann Seton, Arquivos da Casa provincial são José, livro raro 31"] *Vincentian Heritage Journal* : Tomo 29 (2009):1, página 37.

Santa Elizabeth Ann Seton, uma criança cheia de esperança

com comentários⁶⁴. Uma estrofe do poema "O regresso de um viajante", copiado por Elizabeth, refletia de maneira comovente os seus sentimentos, provavelmente enquanto esperava o regresso do seu pai a Nova Iorque⁶⁵:

*"O meu prazer cresce à medida
que me aproximo da casa que há tempos abandonei,
ao ouvir uma voz surpresa e alegre
exclamando: Ele chegou, ele chegou!"*

Por vezes, Elizabeth relacionava os momentos significativos da sua vida à beleza da primavera, o símbolo da vida, como um lugar onde ela reconhecia claramente a Presença Divina. Catorze anos depois de uma das suas experiências durante a última estadia na chácara dos seus tios, ela escreveu esta memória à sua meia irmã, Rebecca Seton, a sua "alma gêmea".

Elizabeth copiou outro poema, intitulado "Hino à Paz", embora o poeta, Thomas Parnell, o tivesse intitulado "A Luta pela Paz"⁶⁶. Nenhum texto existente pôde explicar porque Elizabeth mudou o título, mas a última estrofe do poema ecoa os sentimentos que ela anotou durante o seu passeio pela floresta em 1789. Estas linhas são particularmente proféticas:

*"Conheça Deus - para que o seu coração possa experimentar
as alegrias que emanam da religião"⁶⁷.*

Suas “Queridas lembranças”

Os difíceis acontecimentos vividos pela jovem Elizabeth Ann Bayley afetaram o seu desenvolvimento. Enquanto adolescente, influenciaram a sua relação com Deus e moldaram a sua espiritualidade. Muito mais tarde, Elizabeth escreveu “*Queridas lembranças,*” numa atitude de profunda gratidão pelo seu passado e enfatizou a sua “*alegria de aprender tudo o*

⁶⁴ Cf. Doc. 8.23, trechos de *Um comentário sobre o livro dos Salmos* par George Horne, Tomo IIIa, página 38- 81. O salmo 22 encontra-se nas páginas 68-71.

⁶⁵ Kelly, página cit., página 25.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid.

*que é religioso*⁶⁸. A sua escolha para copiar o poema de Thomas Parnell mostra o seu desejo de "conhecer Deus" e a sua profunda alegria de ter uma fé viva⁶⁹.

Quando criança, Elizabeth, que buscava conhecer a Deus, procurou no céu os seus familiares que tinham morrido; ela também esperou por um abraço do seu pai, mas, este estava sempre ausente. Foi ao contemplar a beleza da natureza que encontrou um pouco de prazer: os campos e as flores selvagens, as conchas na praia, as árvores nas florestas... A beleza da criação mudou a sua vida: através desta "catedral verde", ela encontrou Deus e já não mais se sentia só.

O ataque noturno ao laboratório do seu pai também a ajudou a descobrir que Deus era um bom Pai. Com alegre confiança, ela compreendeu que Ele estaria sempre presente em sua vida e nunca deixaria de amá-la, mesmo quando *"as decepções... obscurecem as expectativas"* desta *"criança cheia de esperança"*⁷⁰. A solidão e os passeios alimentaram a sua interioridade e a sua consciência de Deus: a graça consoladora é difundida nela.

A sua confiança em Deus permitiu-lhe encontrar a paz, reconciliar-se com o seu pai e, após regresso definitivo a Nova Iorque, restabeleceu o laço afetivo com ele, enquanto se dedicava ao cuidado dos pobres com compaixão.

Na sua infância e juventude, Elizabeth aprendeu a importância de viver o momento presente, apesar das dificuldades e desafios da vida e a *"buscar sempre a graça"*⁷¹. No limiar da idade adulta, Deus formou Elizabeth para estar aberta ao Espírito, tal como tinha feito à Luísa de Marillac: *"a graça de Deus cumprirá, em mim, o que for de seu agrado"*⁷².

⁶⁸ Cf. Doc. 10.4, Queridas lembranças, Tomo IIIa, página 510.

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ Cf. Carta 1.8, à Eliza Sadler, 8 de fevereiro de 1796, Tomo I, página 9.

⁷¹ Cf. Carta 7.195, à Irmã Cecília O'Conway, 20 de novembro de 1818, Tomo II, página 595.

⁷² SL, E. 109, página 958, sobre a Comunhão, janeiro de 1660.

Santa Elizabeth Ann Seton, uma criança cheia de esperança

Aqui está um dos poemas recolhidos no caderno de poesia de Elizabeth:

“A LUTA PELA PAZ”

*Paz de espírito, duradoura, maravilhosa,
é um deleite para a humanidade!*

*Engendrada e nascida no Céu
coroa os bem-amados que nele habitam
com mais felicidade do que conhecem
os vitoriosos aqui na terra.*

*Paz duradoura, maravilhosa, venha!
Com a sua presença,
este mundo encontra a felicidade do Éden
que habita no coração do homem.*

*Assim, fiquei à sombra de uma árvore
para proclamar ao tronco o meu desejo.
Perdida nas minhas reflexões, já não ouço
o ruído dos ramos.*

*Parece que todo este lugar silencioso
proclama a presença da graça divina
que diz: controle a sua vontade
acalme todas as suas paixões,
conheça Deus - para que o seu coração possa experimentar
as alegrias que emanam da religião.
Então, toda a graça fará morada no seu coração
e eu estarei lá para tudo coroar⁷³.*

Thomas Parnell

Irmã Betty Ann McNEIL
Filha da Caridade